



Universidade Federal de Juiz de Fora
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Ashiley Adelaide Rosa

QUALIDADE URBANA E OS ESPAÇOS PÚBLICOS:

Uma proposta contemporânea utilizando *placemaking* para um bairro de Juiz de Fora.

Monografia apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para conclusão da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso I.

Orientador: Prof. Dr. Klaus Chaves Alberto

Juiz de Fora
Julho/ 2017

Dedico este trabalho aos meus pais, José Carlos e Silvia, e a meus irmãos, por todo amor e apoio.

Agradecimentos

Enfim cheguei até aqui, uma caminhada que parece longa para quem caminha, e tão curta para quem chega. Passou rápido demais e a longo dessa trajetória eu pude aprender muito e crescer como pessoa de uma forma que jamais imaginaria. Passei a enxergar o mundo com os olhos diferentes, mais preocupados com o bem-estar do outro, mais afetuoso para com as pessoas. Acho que se não fosse assim, nada teria feito sentido. Só valeu a pena porque pude buscar a cada dia fazer o melhor e o bem para alguém, com tropeços e quedas, mas também com conquistas que compensaram tudo. Gratidão pelas oportunidades que a graduação me deu.

Minha imensa gratidão a Deus, por ser meu conforto, minha proteção e minha segurança. Por ser o meu respiro de alívio e minha fé que tudo daria certo. Grata a Ele, pela minha vida e das pessoas que amo.

Aos meus amados pais, José Carlos e Sílvia, minha eterna gratidão. Agradeço por me possibilitarem estar aqui, por sonharem comigo o meu sonho, por serem meus maiores exemplos, minha maior riqueza e meu maior amor. Obrigada por confiarem em mim, e mesmo com os olhos cheios d'água terem deixado a menina de vocês voar.

Aos meus irmãos, Willian e Wesley, agradeço por todo o carinho, amor e confiança. Obrigada pelo apoio, pelos conselhos e por me darem sobrinhos lindos. Eu amo vocês!

Ao meu amor, Luiz Henrique, pela paciência em muitos momentos, pelo carinho, e pelo cuidado comigo. Por todo suporte neste trabalho, meu motorista, assistente de pesquisa, e revisor. Obrigada por toda ajuda e motivação.

Aos meus amigos, alguns distantes e outros que tenho mais perto, obrigada por me escutarem falar do mesmo assunto nos últimos meses, por compreenderem naqueles momentos que me ausentei e mesmo assim permanecerem comigo. Sou imensamente grata pelas amizades que tenho.

Ao meu orientador, Klaus Chaves Alberto, por compartilhar seu conhecimento e experiência em cada orientação, por participar, e se envolver com a pesquisa. Por mostrar que é possível ter um olhar mais sensível para com as pessoas.

Por fim agradeço a todas as pessoas que contribuíram, mesmo que indiretamente, para a minha formação acadêmica e para este trabalho. A caminhada foi longa, mas seria impossível sem vocês. Meu muito obrigada!

*É preciso um lugar para criar uma comunidade
e uma comunidade para criar um lugar.*
PPS - Project for Public Spaces

Resumo

O presente trabalho aborda a relevância das intervenções urbanas contemporâneas em espaços públicos para o local onde se inserem e para os seus usuários. Sendo o objetivo deste estudo conhecer os conceitos, técnicas e abordagens utilizadas no *Placemaking*, um processo de planejamento e filosofia centrado em nas pessoas que vivem, trabalham, e brincam em um determinado local, para compreender suas necessidades e aspirações para esse espaço, e posteriormente aplicá-los a realidade dos espaços públicos em Juiz de Fora. O enfoque teórico se deu a partir dos autores Jane Jacobs e Jan Gehl, devido as contribuições que ambos têm nos pensamentos sobre os espaços públicos para quem de fato os utiliza, as pessoas. Para melhor compreender as ideias que norteiam tais intervenções e sua aplicação fez-se necessário realizar alguns estudos de caso, enfocando primeiramente em projetos que utilizam o *Placemaking* do exterior, e depois algumas intervenções que demonstram o início desse movimento no Brasil. O estudo da área, o bairro Esplanada, abrangeu desde dados da população, uso do solo, morfologia urbana, equipamentos urbanos e espaços livres do bairro. Assim desde a escolha da área de projeto as análises urbanas do bairro e do espaço, buscou-se demonstrar o processo realizado com a comunidade, assim como as atividades desenvolvidas e a previsão de ações futuras, como forma de registrar a experiência e possibilitar a sua continuidade. Ao final, com a síntese dos resultados e análises deste estudo, conclui-se que o maior desafio para os projetos participativos é a ativação da comunidade.

Palavras-chave

Placemaking. Desenho Urbano. Espaços Públicos. Cidades. Projetos Participativos.

Sumário

1. Introdução	10
2. Intervenções Contemporâneas	14
2.1. Urbanismo Tático	14
2.1.1. Placemaking	14
3. Estudos de Caso	20
3.1. Internacionais	20
3.1.1 Miera Street, Fine Young Urbanists – Riga, Letônia.	20
3.1.2 PARK (ing) Day Dallas – Dallas, Estados Unidos.	22
3.1.3 Time Square, Jan Gehl – NY, Estados Unidos.	23
3.2. Nacionais	24
3.2.1 Inova Cajamar, Conexão Cultural e Bela Rua – Cajamar, SP.	24
3.2.2 A Batata Precisa de Você – São Paulo, SP.	27
3.2.3 Escadão Jardim Helian, Conexão Cultural – São Paulo, SP.	29
4. Área de Estudo: Bairro Esplanada, Juiz de Fora.	32
4.1. Formação do bairro	32
4.2. Usos e ocupação do solo	33
4.3. Morfologia Urbana	34
4.4. Caracterização das vias e habitações	35
4.5. Mobiliário urbano	36
4.6. Cobertura vegetal e arborização urbana	37
4.7. Mobilidade e Caminhabilidade	38
4.8. Equipamentos Urbanos e as Áreas Livres do bairro	40
5. Trajetória: relatos de uma experiência	44
5.1. Ações Realizadas	44
5.1.1. Contato com agentes da comunidade	44
5.1.2. Avaliação pré-projeto (APP)	44
5.1.3. Contato com os moradores	50
5.2. Ações futuras	52
5.2.1 Busca por parceiros	52
5.2.2. Mutirões Urbanos	52
5.2.3 Atividades comunitárias	53
5.2.4. Avaliação pós- ocupação (APO)	54
6. Resultados e Descobertas	56

6.1. Matriz de Descoberta	56
6.2. Diretrizes projetuais	58
7. Considerações Finais	59
Referências Bibliográficas	61
Anexos	63
Anexo A	63

Lista de Figuras

Figura 1. Mapeamento Placemakers no Brasil.	19
Figura 2. Modelo Rua Miera, escala 1:50.	21
Figura 3. Rua Miera, escala 1:1.	21
Figura 4. Rua Miera 01.	21
Figura 5. Rua Miera 02.	21
Figura 6. Uma biblioteca no Park(ing) Day Dallas.	22
Figura 7. Exemplo Park(ing) Day Dallas.	22
Figura 8. A Time Square antes.	23
Figura 9. A Time Square depois.	23
Figura 10. Intervenção 1: Pintura dos bancos da praça.	26
Figura 11. Intervenção 2: Biblioteca no ponto de ônibus.	26
Figura 12. Intervenção 3: Jardim suspenso.	26
Figura 13. Intervenção 1: Palco Cultural Sustentável.	26
Figura 14. Intervenção 2: Jardim suspenso.	26
Figura 15. Intervenção 3: Horta comunitária.	26
Figura 16. Largo da Batata: eventos e mobiliários.	28
Figura 17. Largo da Batata: esporte e lazer 01.	28
Figura 18. Largo da Batata: esporte e lazer 02.	28
Figura 19. Oficina Placemaking Jardim Helian.	30
Figura 20. Oficina de Projeto Jardim Helian.	30
Figura 21. Multirão Urbano Jardim Helian.	31
Figura 22. Escadaria - Antes e Depois.	31
Figura 23. Mapa do bairro Esplanada.	33
Figura 24. Morfologia Urbana.	34
Figura 25. Visada Rua Bias Fortes.	35
Figura 26. Rua Bias Fortes, próximo a UAPS.	35
Figura 27. Edificações - Rua Maria Luísa Tostes.	36
Figura 28. Mobiliário - Rua Eduardo Weiss.	37
Figura 29. Arborização Urbana - Rua Bias Fortes.	37
Figura 30. Calçadas - Rua Professor Valquírio Seixas de Faria.	39
Figura 31. Inclinação vias - Rua Miguel Couto.	39
Figura 32. Mapa Equipamentos – Bairro Esplanada.	40
Figura 33. Mapa Áreas	41
Figura 34. Área A.	41
Figura 35. Área B.	42
Figura 36. Área C.	42
Figura 37. Área D.	43
Figura 38. Mapa Entorno Imediato – Praça José Gomes Filho.	45
Figura 39. Seleção Fotos - Levantamento Fotográfico.	46
Figura 40. Mapa Comportamental 01.	48
Figura 41. Mapa Comportamental 02.	49
Figura 42. Formulário Preenchido.	51
Figura 43. Exemplos de placegame.	54

1. Introdução

Os espaços públicos são fundamentais para a qualidade de vida de uma sociedade, pois são esses responsáveis por abrigar práticas sociais que refletem as suas necessidades. Esses estão presentes em todas as cidades do mundo, cada qual com sua peculiaridade, inserindo-se na malha urbana (LIMA, 2016).

Para Lydon (2012) a melhoria da qualidade urbana das nossas cidades comumente começa na rua, no quarteirão, no passeio ou ainda no bairro. Essas intervenções são cada vez mais comuns para preparar para investimentos maiores, além de permitir aos atores locais testar novos conceitos. Tal abordagem é bastante relevante no nosso contexto pois permite resgatar a escala da pessoa no projeto e um olhar mais sensível às necessidades cotidianas de seus usuários bem como a participação direta desses nas decisões projetuais.

Em sua obra Jacobs (2011) defende a ideia que as ruas com pessoas são ruas mais seguras, utilizando o termo “olhos na rua” para explicar que, sem perceber, as pessoas são responsáveis por observar o uso dos espaços e zelar pela sua segurança e vitalidade dos mesmos. E Jan Gehl teve importante contribuição para o assunto ao trazer a discussão sobre o planejamento das cidades para quem de fato as utiliza, as pessoas, e também da presença dos arquitetos nas ruas. Com o desenvolvimento acelerado das cidades em conjunto com o desenho e planejamento moderno dos anos 60, as cidades foram ficando cada vez mais cheias de carros, e logo o espaço para as pessoas foi negligenciado para dar lugar a mais vias. Essa inversão de atenção levou também a perda da escala humana nas cidades, segundo Gehl (2015).

Dada a validade e evidências de que a qualidade urbana, bem como a saúde da população residente em áreas urbanas, está diretamente ligada ao acesso dessa aos espaços públicos que convidam ao estar, caminhar, brincar, dentre outras atividades, este será o foco deste estudo.

Essas pequenas ações com impacto local então inseridas nos conceitos atuais do que chamamos de *Urbanismo Tático* – em que uma ação à curto prazo pode fornecer

informações para o planejamento à longo prazo, sendo construído por grupos de pessoas para o meio que vivem. Ou seja, são ações informais no espaço público, táticas urbanas, com objetivo e desafio de serem incorporadas na forma de políticas públicas urbanas mais inclusivas (STEFFENS; VERGARA, 2013).

Dentro desta proposta mais participativa em projetos para espaços públicos, do Urbanismo Tático, temos o *Placemaking*. Esse termo passou a ser usado com maior intensidade em meados dos anos 90, contudo alguns pensamentos por de trás do seu conceito tiveram mentores como Jane Jacobs e Jan Gehl já em 1960. Em tradução livre significa “fazer o lugar”.

Placemaking é um processo de planejamento e filosofia, centrado em observar, ouvir e discutir com as pessoas que vivem, trabalham, e brincam em um determinado local, para compreender suas necessidades e aspirações para esse espaço e para a comunidade como um todo, sendo possível criar uma visão comum para esse lugar. Essa visão pode evoluir rapidamente para uma estratégia de implementação, começando com pequenas melhorias, de baixo custo e rápidas, que trazem benefícios imediatos tanto para os próprios espaços como para as pessoas que os frequentam.

Segundo Tavares (2015) para que se construa o senso de lugar é necessário tempo e permanência para que à comunidade desenvolva e apreenda os significados deste lugar. Assim, o *Placemaking* vem como uma alternativa de ativar as atividades sociais do local, até que o mesmo se torne permanentemente vivo na comunidade, servindo como experimentação e laboratório, não dispensando o bom desenho e planejamento urbano, mas possibilitando maior qualidade, uso e boas conexões das pessoas a esse espaço.

Para entender o que vem sendo feito e discutido dentro desta temática fez-se necessário realizar uma pesquisa de estudos de casos para compreender como tal abordagem do *Placemaking* é realizada e as técnicas aplicadas. Neste trabalho serão apresentados estudos de casos nacionais e internacionais, com foco nas ações adotados com a comunidade e o impacto nos locais onde se inserem.

Tendo em vista a complexidade de se estudar as cidades, por essas compreenderem uma coletividade, o presente trabalho parte para uma escala menor, contudo não menos importante: a da rua, da praça, do quarteirão, e por que não dizer,

das pessoas. Assim, com a intenção de explorar ideias simples, mas com forte impacto para a área que se insere, essa pesquisa pretende adequar tais conceitos e ações à realidade dos espaços públicos na cidade de Juiz de Fora.

Por esse motivo foi escolhido um bairro nessa mesma cidade, o Esplanada, para iniciar tal estudo. O bairro cuja renda da população pode ser classificada como média baixa a baixa, caracteriza-se por possuir uma diversidade em sua morfologia urbana, em virtude da sua expansão e regularização de assentamentos. Frequentemente no bairro encontra-se mais de uma moradia por lote, e esse por sua vez é ocupado em sua totalidade, excluindo afastamentos entre as habitações e a legislação vigente para a área. No que diz respeito aos espaços públicos do bairro, esses são precários quanto a infraestrutura e subutilizados. Os espaços públicos se configuram como pequenas praças ou terrenos abertos, sem necessariamente possuir mobiliário urbano e arborização. Tal realidade descrita e carência de espaços públicos também pode ser observada em inúmeros outros bairros da cidade.

Para o diagnóstico da área da intervenção propriamente dita, uma praça inserida no bairro em questão, utilizou-se do mapa comportamental, levantamento fotográfico, seleção visual, poema dos desejos e da observação incorporada para compreender e registrar os aspectos físicos e subjetivos, bem como a opinião da população acerca do local. Esse conjunto de instrumentos, que posteriormente serão melhor explicitados, se mostram bastante relevantes quando se tem como proposta projetos participativos e sensível as pessoas.

O diagnóstico e contato com a comunidade mostraram-se fundamentais para direcionar as atividades futuras no bairro bem como a postura a ser adotada. O maior desafio do projeto utilizando técnicas e método do *Placemaking*, mostra-se ser o engajamento e ativação dos moradores. Uma vez que as intervenções acontecem por meio de oficinas e mutirões urbanos, e essas não têm como serem realizadas sem a comunidade, o desenvolvimento desta pesquisa leva em conta a realização de atividades de aproximação da comunidade com o lugar. Todo esse processo bem como as limitações encontradas serão descritos mais detalhadamente em momento oportuno neste trabalho.

Por fim, esse trabalho foi estruturado em capítulos que apresentam o roteiro dessa pesquisa. Após a introdução, o segundo capítulo objetiva apresentar os pensamentos

que norteiam as intervenções urbanas atuais, como o *Placemaking*, como algo mais próximo da escala humana, referenciando os teóricos que já apontavam para essa necessidade antes desse método ganhar mais evidência. Além disso, nesse capítulo foram brevemente destacados os trabalhos e análises de Jan Gehl para o desenvolvimento de projetos para espaços públicos com maior qualidade. No terceiro capítulo, foram apresentados estudos de caso enfocando, primeiramente, alguns projetos que utilizam o *Placemaking* do exterior, e depois algumas intervenções que demonstram o início desse movimento no Brasil, que foram de grande importância para reforçar a potencialidade que tais intervenções locais tem para o urbanismo como um todo, mas principalmente para as pessoas onde elas se inserem. No quarto capítulo foi realizada a descrição da área de estudo, o bairro, incluindo desde dados da população, uso do solo, morfologia, aos equipamentos e espaços livres do bairro. No quinto capítulo, desde a escolha da área de projeto, as análises urbanas do bairro e do espaço - a praça, buscou-se demonstrar o processo realizado com a comunidade, assim como as atividades desenvolvidas e a previsão de ações futuras, como forma de registrar a experiência e possibilitar a sua continuidade. Ao final, no sexto capítulo, é feita uma síntese dos resultados e análises deste estudo através de uma *Matriz de Descoberta*, e com base em todo trabalho são apontadas algumas diretrizes projetuais para o local.

Espera-se com esse estudo apresentar diretrizes projetuais para o espaço público analisado, a partir dos conceitos abordados e instrumentos de análise do ambiente construído, trazendo as considerações necessárias para as realizar, e demonstrando as limitações encontradas e avanços alcançados com esta pesquisa.

2. Intervenções Contemporâneas

2.1. Urbanismo Tático

Em linhas gerais o urbanismo tático tem por conceito adotar uma ação à curto prazo que pode fornecer informações para o planejamento à longo prazo, sendo construído por grupos de pessoas para o meio que vivem, ou seja, são ações informais no espaço público, táticas urbanas, com objetivo e desafio de serem incorporadas na forma de políticas públicas urbanas mais inclusivas (STEFFENS; VERGARA, 2013)

Os estudos de caso da América do Norte revelam os benefícios de adotar uma abordagem incremental no processo de construção da cidade – a mudança de longo prazo muitas vezes começa com a tentativa de fazer algo à pequena escala. Após a implementação, os resultados podem ser observados e avaliados em tempo real. Desta forma, os projetos de urbanismo tático criam intencionalmente um laboratório para a experimentação (LYDON, 2012).

A melhoria da qualidade urbana das nossas cidades comumente começa na rua, no quarteirão, no passeio ou ainda no bairro. Apesar da relevância e pertinência dos projetos de larga escala, as melhorias de pequena escala são cada vez mais vistas como uma maneira de preparar investimentos significativos. Esta abordagem permite a uma série de atores locais testar novos conceitos, minimizando erros projetuais, antes de assumir compromissos políticos ou financeiros maiores (LYDON, 2012).

Essas ações são comumente referidas como “urbanismo de guerrilha”, “urbanismo pop-up”, “reparação da cidade”, “urbanismo DIY”, “*parklets*” ou “*placemaking*”, entre outras denominações.

2.1.1. Placemaking

O *placemaking* não é uma ideia nova, segundo a organização internacional *Project for Public Spaces* (PPS). O termo passou a certo usado com maior intensidade em meados dos anos 90, contudo alguns pensamentos por de trás do seu conceito teve mentores como Jane Jacobs e Jan Gehl já em 1960. Em tradução livre “fazer o lugar”.

Jacobs (2011) defendia a ideia as ruas com pessoas são ruas mais seguras, usando o termo “olhos na rua” para explicar que, sem perceber, as pessoas são responsáveis por observar o uso dos espaços e zelar pela sua segurança.

Jan Gehl teve importante contribuição ao trazer a discussão sobre o planejamento das cidades para quem de fato as utiliza, as pessoas, e também da presença dos arquitetos nas ruas. Com o desenvolvimento acelerado das cidades em conjunto com o desenho e planejamento moderno dos anos 60, as cidades foram ficando cada vez mais cheias de carros, e logo o espaço para as pessoas foi negligenciado para dar lugar a mais vias. Essa inversão de atenção levou também a perda da escala humana, segundo Gehl (2015).

Para a PPS (2009), o *placemaking* é um processo de planejamento e filosofia, centrado em observar, ouvir e discutir com as pessoas que vivem, trabalham, e brincam em um determinado local, para compreender suas necessidades e aspirações para esse espaço e para a comunidade como um todo. Assim é possível criar uma visão comum para esse lugar. A visão pode evoluir rapidamente para uma estratégia de implementação, começando com pequenas melhorias, com baixo custo e rápidas, que trazem benefícios imediatos tanto para os próprios espaços como para as pessoas que os frequentam.

Possivelmente a tendência mais forte do urbanismo contemporâneo é a busca e o resgate da escala humana perdida nos tempos do urbanismo moderno. Além de proporcionar cidades ‘caminháveis’ e espaços nos quais as pessoas gostam de estar, nos últimos anos o foco de ações urbanas relacionadas à adaptação às mudanças climáticas, resiliência, sustentabilidade, segurança, entre outros aspectos, tem se voltado para as necessidades da comunidade. Em outras palavras, soluções urbanas devem seguir uma abordagem de ‘baixo para cima’ (*bottom up*) ao invés de uma abordagem ‘de cima para baixo’ (*top down*). Para que se obtenha sucesso nessas ações, nada melhor do que construir ‘lugares’ (*placemaking*) e evitar não-lugares (*placelessness*), já que é da natureza humana cuidar dos espaços quando de alguma maneira nos preocupamos com eles. (TAVARES, Silvia. 2015)

E paralelamente, o portal da comunidade brasileira de placemakers, o Placemaking Brasil (2015), define *placemaking* como um processo de planejamento, criação e gestão de espaços públicos totalmente voltado para as pessoas, visando transformar os espaços em pontos de encontro em uma comunidade – ruas, calçadas,

parques, edifícios e outros espaços públicos – em lugares, que eles estimulem maiores interações entre as pessoas e promovam comunidades mais saudáveis e felizes.

Segundo Tavares (2015) para que se construa o senso de lugar é necessário tempo e permanência para que a comunidade desenvolva e apreenda os significados deste lugar. O *placemaking* vem como uma alternativa de ativar as atividades sociais do local, até que o mesmo se torne permanentemente vivo na comunidade, servindo como experimentação e laboratório, e não dispensando o bom desenho e planejamento urbano, que proporcione qualidade, uso e boas conexões a esse espaço.

A *Project for Public Spaces* identificou 11 princípios fundamentais para a transformação de qualquer espaço, seja ele uma praça, um parque, uma rua, uma calçada ou qualquer outro local de uso público. São eles:

1. **O especialista é a comunidade:** o ponto de partida para desenvolver um espaço público é identificar os talentos e ativos presentes na comunidade. Em qualquer comunidade há pessoas que podem fornecer uma perspectiva histórica do local, dar insights valiosos sobre os usos do espaço e até levantar os principais problemas ou a importância do local para quem é da região. Resgatar essas informações no começo do processo ajuda a criar um senso de propriedade comunitária, que é positivo tanto para quem está desenvolvendo o projeto quanto para a comunidade em si.
2. **Crie um lugar, e não um desenho urbano:** se o seu objetivo é criar um lugar de encontros, pensar apenas no design não será suficiente. Para fazer com que um espaço pouco utilizado se torne um lugar vital de uma comunidade, os elementos físicos implementados devem se preocupar em fazer com que as pessoas se sintam bem-vindas e confortáveis no local. O objetivo é criar um lugar que tenha um forte senso de comunidade, um visual confortável e também que garanta atividades durante todos os dias da semana, em todos os horários – como fazer compras, comer, tomar um café, ler um livro, encontrar amigos, assistir a um show, etc.
3. **Encontre parceiros:** ter parceiros é fundamental para garantir o futuro sucesso das melhorias a serem realizadas em um espaço público. Você pode ir atrás de parceiros bem no começo do projeto, para que eles também contribuam com

ideias e cenários que eles mesmos poderão ajudar a implementar no futuro. Eles são importantes para dar suporte e tirar o projeto do papel. Os parceiros podem ser instituições locais, museus, escolas, entre outros.

4. **Você pode ver muito ao observar o espaço:** nós podemos aprender muito com os sucessos e falhas de outros espaços. Ao observar como as pessoas estão usando (ou não usando) um espaço público, você poderá descobrir o que elas gostam e não gostam – o que funciona e o que não funciona. Através das observações, ficará claro que tipo de atividades estão faltando e o que poderia ser incorporado. Depois de realizar as mudanças, continue observando o espaço para entender como melhorá-lo e mantê-lo ao longo do tempo.
5. **Tenha uma visão para o espaço:** a visão deve vir de cada comunidade e ela contempla três pontos essenciais: 1) saber quais atividades podem ser oferecidas no espaço, 2) definir as intervenções que vão tornar o espaço mais confortável e atrativo, 3) garantir que tudo seja feito para que o espaço seja um lugar importante para as pessoas, um lugar onde elas queiram estar. A visão deve se preocupar em fazer com que as pessoas que vivem e trabalham no bairro sintam orgulho daquele espaço e se identifiquem com ele.
6. **Comece com o básico: simples, rápido e barato:** a complexidade dos espaços públicos é tão grande que é praticamente impossível fazer tudo certo de uma só vez. Os melhores espaços experimentam possibilidades fazendo melhorias de curto prazo, que são testadas e refinadas durante muitos anos. Instalações como bancos, café na rua, arte, faixas de pedestres e hortas comunitárias são exemplos de melhorias que podem ser realizadas em um curto espaço de tempo.
7. **Triangule:** em um espaço público, a escolha e a disposição de diferentes elementos pode colocar o processo de triangulação em ação – ou não. Por exemplo, se um banco, uma lata de lixo e um playground estão posicionados sem nenhuma conexão um com o outro, cada um pode receber um uso bem limitado. Mas quando eles são colocados juntos, com outros equipamentos como um carrinho de café, eles naturalmente vão fazer com que pessoas se aproximem e se relacionem.

8. **Eles sempre dizem “isso não pode ser feito”:** é inevitável: no processo de criar bons espaços públicos, você vai encontrar obstáculos. Criar “lugares”, na grande maioria das vezes, não é uma meta nem do setor público, nem do privado. Um engenheiro de tráfego, por exemplo, pode dizer que é impossível fechar uma rua apenas para o trânsito de pedestres – porque o seu trabalho é facilitar o trânsito de carros e não criar lugares de convivência social. Fazer implementações de pequena escala com a comunidade pode demonstrar a importância desses “lugares” e ajudar a superar os obstáculos.
9. **A forma deve dar suporte à função:** As ideias da comunidade e de potenciais parceiros, a compreensão de como outros espaços funcionam, a experimentação, e a superação de obstáculos e opositores vão servir para construir o conceito do espaço. Embora o design seja importante, esses outros elementos vão lhe dizer qual é a “forma” que você precisa para realizar a visão de futuro do espaço.
10. **Dinheiro não é o problema:** esta frase pode ser aplicada para uma série de situações. Por exemplo, assim que você implementa a infraestrutura básica do espaço, os elementos adicionados para fazer o espaço funcionar (como cafés, flores e bancos) não são caros. Além disso, se a comunidade e outros parceiros estão envolvidos na programação e em outras atividades, esse envolvimento também pode reduzir os custos do projeto. O mais importante é que, seguindo estes passos, as pessoas ficarão tão entusiasmadas com o projeto que o custo não será considerado significativo quando comparado com os benefícios.
11. **Você nunca terminou:** por natureza, bons espaços públicos atendem necessidades, opiniões e mudanças da comunidade. O que um dia foi positivo para o espaço público pode acabar se desgastando, as necessidades da comunidade podem mudar e diversos eventos não previstos podem acontecer em um ambiente urbano. É importante estar aberto à mudança e que o espaço tenha uma gestão flexível, que entenda que a mudança é o que constrói ótimos espaços públicos e cidades.

No Brasil, o *placemaking* é algo muito recente e ainda pouco difundido. Conta com a Placemaking Brasil como um portal de informação e instruções sobre o assunto. E segundo o mesmo, os *placemakers* se concentram mais na região sul e sudeste do país (figura 01), e no total são 147 pessoas, em 19 estados, distribuídas em 42 cidades, com

destaque para a cidade de São Paulo, que tem 40 projetos inscritos na plataforma (PLACEMAKING BRASIL, 2017).



Figura 1. Mapeamento Placemakers no Brasil.

Disponível em <http://www.placemaking.org.br/home/mapeamento-placemakers/>. Acesso em mar. 2017

Assim temos um breve panorama do que é o *Placemaking* na atualidade e o que ele representa enquanto uma potencial intervenção urbana participativa no mundo e no Brasil. E destacar sua aplicação como uma intervenção de baixo custo e rápida, e uma boa alternativa para áreas com pouco investimento público e com uma comunidade ativa.

3. Estudos de Caso

Neste capítulo foram apresentados estudos de caso enfocando, primeiramente, alguns projetos que utilizam o *Placemaking* do exterior, e depois algumas intervenções que demonstram o início desse movimento no Brasil, com foco nas ações adotadas e os impactos para o local, e principalmente para as pessoas onde elas se inserem.

3.1. Internacionais

3.1.1 Miera Street, Fine Young Urbanists – Riga, Letônia.

Segundo Diodati, as largas pistas de carros na rua Miera, em Riga, estavam subutilizadas. “A maioria de carros passava sobre os trilhos do bonde, deixando o espaço adicional em um ou outro lado do tráfego e condensando pedestres e bicicletas a uma calçada estreita.” (DIODATI, 2015, tradução livre).

Então, no final do ano de 2014, Evelina Ozola e Toms Kokins, da Fine Young Urbanists, decidiram mostrar à comunidade como o plano poderia ser realizado de forma criativa. Eles levaram tinta azul para um trecho da rua e a fachada adjacente e criaram painéis que imitavam o layout da proposta, cobrindo parte das pistas de carro, estendendo o espaço para pedestres, adicionando pista de bicicleta e espaço para assentos e mesas.

Essa intervenção mostra também a importância que a “maquete” tem para o entendimento da proposta e da estética para a adesão da mesma. A maquete 1:1 feita em um trecho da rua facilitou tanto para as pessoas que ali vivem como para as autoridades visualizarem que era possível diminuir o espaço para os veículos e destiná-lo aos pedestres e ciclistas, sem afetar o fluxo de nenhum deles. Quanto a estética, se os elementos não são atraentes para a comunidade que servem, poucos prestam atenção, assim não basta ter funcionalidade, a criatividade da solução também conta. Iniciativas como a da Rua Miera aumentam a adesão das pessoas e amplia o seu

impacto. Ela foi parte da estratégia de infraestrutura de ciclismo maior para Riga, agindo como uma demonstração que precede o design mais permanente.



Figura 2. Modelo Rua Miera, escala 1:50.

Disponível em:

<http://fineyoungurbanists.tumblr.com/post/110122869398/mier%C4%ABgi>. Acesso em abril. 2017



Figura 4. Rua Miera 01.

Disponível em:

<http://fineyoungurbanists.tumblr.com/post/110122869398/mier%C4%ABgi>. Acesso em abril. 2017



Figura 3. Rua Miera, escala 1:1.

Disponível em:

<http://fineyoungurbanists.tumblr.com/post/110122869398/mier%C4%ABgi>. Acesso em abril. 2017



Figura 5. Rua Miera 02.

Disponível em:

<http://fineyoungurbanists.tumblr.com/post/110122869398/mier%C4%ABgi>. Acesso em abril. 2017

3.1.2 PARK (ing) Day Dallas – Dallas, Estados Unidos.

Iniciado na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos, em 2005, o projeto tornou-se um movimento mundial. Hoje em mais de 30 países e quase mil unidades espalhadas por 160 cidades, segundo o site da organização (PARK (ING) DALAS, 2016).

O PARK (ing) Day Dallas, acontece na cidade de mesmo nome, anualmente, na terceira sexta-feira do mês de setembro. Líderes da comunidade e empresas privadas junto com a organização ocupam o espaço de vagas temporariamente por algumas horas, utilizando de construções sustentáveis e se associando com instituições do local para estender o impacto. O objetivo é a ativação da comunidade, incentivar o aumento das áreas verdes na cidade e a valorização dos espaços para o encontro de pessoas.



Figura 6. Uma biblioteca no Park(ing) Day Dallas.

Disponível em:

<<http://fineyoungurbanists.tumblr.com/post/110122869398/mier%C4%ABgi>>. Acesso em abril. 2017



Figura 7. Exemplo Park(ing) Day Dallas.

Disponível em:

<<http://fineyoungurbanists.tumblr.com/post/110122869398/mier%C4%ABgi>>. Acesso em abril. 2017

3.1.3 Time Square, Jan Gehl – NY, Estados Unidos.



Figura 8. A Time Square antes.

Foto: DOT. Disponível em: < <http://gehlpeople.com/cases/new-york-usa/> > Acesso em abril. 2017



Figura 9. A Time Square depois.

Foto: DOT. Disponível em:< <http://gehlpeople.com/cases/new-york-usa/> > Acesso em abril. 2017

A cidade Nova Iorque tinha o anseio de ser uma cidade mais verde. Para fazer isso, o Departamento de Transportes (DOT) precisava de experiência, inspiração e ferramentas concretas para remodelar a cidade, tornando a mais sustentável e com escala humana.

O projeto foi realizado pelo arquiteto Jan Gehl e sua equipe, conhecidos por suas consultorias e projetos para cidades com pesquisas rigorosas e bases sólidas de conhecimento da área. Começaram justamente deste ponto, analisando e observando as pessoas, e como elas utilizavam o espaço. Na Time Square constataram que 89% do espaço público era destinado aos automóveis, enquanto apenas 11% era para as pessoas, sendo que essas representam 90% dos transeuntes. De modo geral há poucos lugares para as pessoas sentar e descansar, conhecer e interagir ou observar as pessoas ao longo das ruas da cidade de Nova York, o que se repete na Time Square. Outro dado relevante, é a ausência de crianças e idosos, apenas 10%, enquanto esses são 30% da população nova iorquina (GEHL ARCHITECTS, 2008).

Com o processo de criação de lugares para as pessoas que se baseia em "medir, testar, refinar", Jan Gehl treina a cidade para medir indicadores orientados às pessoas antes e depois das intervenções para fazer mais do que funciona, ajustar o que não funciona e enfrentar o medo da mudança com a análise de dados concretos. Foram fatos e números concretos sobre Nova Iorque que possibilitaram as pessoas vivenciar a Time Square, e outros lugares da cidade de forma diferente - primeiro o plano piloto, ajustes e depois o permanente.

3.2. Nacionais

3.2.1 Inova Cajamar, Conexão Cultural e Bela Rua – Cajamar, SP.

Segundo o Guia Placemaking Cajamar (2016), Cajamar é um município localizado ao noroeste de São Paulo e é um grande polo industrial do Brasil, com significativo número de empresas instaladas. Contudo com baixos índices sociais, déficit de mão de obra qualificada, e cenário político instável, que gera sentimento de insegurança e descrença na população local. Um dos maiores desafios deste projeto é promover a autoestima da população, o sentimento de pertencimento e o empoderamento social.

Em meados 2015 de o *Inova Cajamar* uniu iniciativas públicas e privadas, construindo uma rede de colaboradores na qual esses foram divididos em macro setores de atuação. Teve como metodologia central o *placemaking*, na qual baseou-se em três pontos principais: a pesquisa, a ativação, e a transformação. E está dentro de um plano de desenvolvimento territorial de uma das empresas locadas na cidade, onde nesse

reúne-se diversos mecanismos e ações em prol de uma sociedade mais sustentável econômica e socialmente.

Durante o ano de 2016 o trabalho foi dividido em 3 grandes ciclos de atuação. Cada ciclo trabalhou uma temática prioritária para o município, foram elas: bem-estar e qualidade de vida, educação avançada e emprego, e meio ambiente. Os encontros mensais de cada ciclo, normalmente três, tiveram seu fechamento com uma intervenção. Essas intervenções foram realizadas através de mutirões urbanos e em conjunto com atividades para a comunidade.

No primeiro ciclo, partindo de dois diagnósticos participativos do município, foram realizadas oficinas com a comunidade para a definição dos temas prioritários, do percurso do circuito cultural, das ações de transformação e da programação cultural para os eventos, com destaque para as oficinas que possibilitaram as pessoas se expressarem e terem atenção nas escolhas do projeto. Já os outros dois ciclos consistiram nos encontros mensais e a intervenção dentro da temática em questão.



Figura 10. Intervenção 1: Pintura dos bancos da praça.

Foto: Alex Fisberg. Disponível em: Guia Placemaking Cajamar



Figura 13. Intervenção 1: Palco Cultural Sustentável.

Foto: Alex Fisberg. Disponível em: Guia Placemaking Cajamar



Figura 11. Intervenção 2: Biblioteca no ponto de ônibus.

Foto: Alex Fisberg. Disponível em: Guia Placemaking Cajamar.



Figura 14. Intervenção 2: Jardim suspenso.

Foto: Alex Fisberg. Disponível em: Guia Placemaking Cajamar.



Figura 12. Intervenção 3: Jardim suspenso.

Foto: Alex Fisberg. Disponível em: Guia Placemaking Cajamar.



Figura 15. Intervenção 3: Horta comunitária.

Foto: Alex Fisberg. Disponível em: Guia Placemaking Cajamar.

3.2.2 A Batata Precisa de Você – São Paulo, SP.

A *Batata Precisa de Você* é formada por moradores e frequentadores do Largo da Batata, em São Paulo capital, e pessoas dispostas a transformar o largo em um espaço de estar e não apenas de passagem. Através de ações regulares de ocupação e atividades de ativação desde janeiro de 2014, o movimento tem por objetivos fortalecer a relação afetiva da população local com o Largo da Batata; evidenciar o potencial de um espaço hoje ainda árido como local de convivência; testar possibilidades de ocupação e reivindicar infraestrutura permanente que melhore a qualidade do Largo como espaço público. O movimento se propõe também a ter um canal aberto de diálogo com os gestores públicos e debater os processos de uma gestão compartilhada entre cidadãos, associações e poder público.

Depois de mais de 150 milhões investidos em obras, entregue em 2013, o largo, antes um lugar vivo pelo intenso comércio ambulante e vida nas ruas, tinha se transformado em um deserto, sem árvores de porte que proporcionassem sombra nem nenhum mobiliário urbano além dos postes de iluminação. Como é comum na cidade de São Paulo, era mais um espaço caracterizado pelo uso da passagem, e não considerado um lugar para se estar.

Como metodologia o movimento baseia-se conceitualmente no *Placemaking*, *DIY* (Movimento *Maker*), Urbanismo Tático, *Open Design*, dentre outros métodos e ferramentas elencados na publicação “*Ocupe Largo da Batata: como fazer ocupações regulares no espaço público*”. Assim fizeram uma análise, diagnósticos e levantamento da área, levando em consideração a avaliação do espaço, de lotes residuais, fachadas ativas, arborização, fluxos e mobilidade como primícias para as ocupações.

As iniciativas são propostas pelo grupo e também sugeridas por meio do calendário em um site da organização, em que qualquer interessado, sem curadoria, se inscreve. Com uma visível mudança de dinâmica da praça e potenciais evidenciados, sendo melhor aproveitada pelos cidadãos, já são inúmeras atividades realizadas, desde conversas sobre a memória do local, construção de bancos para a praça, jogos de rua, oficinas, intervenções artísticas, atrações musicais e muito mais.



Figura 16. Largo da Batata: eventos e mobiliários.

Foto: Andre Porto/Metro Jornal. Disponível em: <<http://www.metrojornal.com.br/nacional/foco/apos-reforma-largo-da-batata-se-transforma-na-nova-praia-dos-paulistas-190006>> Acesso em abr. 2017



Figura 17. Largo da Batata: esporte e lazer 01.

Foto: Andre Porto/Metro Jornal. Disponível em: <<http://www.metrojornal.com.br/nacional/foco/apos-reforma-largo-da-batata-se-transforma-na-nova-praia-dos-paulistas-190006>> Acesso em abr. 2017



Figura 18. Largo da Batata: esporte e lazer 02.

Foto: Andre Porto/Metro Jornal. Disponível em: <<http://www.metrojornal.com.br/nacional/foco/apos-reforma-largo-da-batata-se-transforma-na-nova-praia-dos-paulistas-190006>> Acesso em abr. 2017

3.2.3 Escadão Jardim Helian, Conexão Cultural – São Paulo, SP.

O Jardim Helian tem uma comunidade bem ativa, da qual partiu o contato através do SESC e da Associação de Moradores do Jardim Helian com a organização Conexão Cultural e também a articulação, comunicação e divulgação dos dois eventos realizados.

A escadaria do Jardim Helian liga o bairro à uma rua importante de acesso à comunidade, inclusive com uma escola e quadra esportiva na parte de cima da escadaria. Em 2014, a comunidade teve um episódio muito desagradável, quando 3 jovens locais foram assassinados na escadaria por estarem vendendo drogas. Este episódio marcou a comunidade até os dias de hoje, e a escadaria desde então se tornou um local triste e inseguro.

Em dezembro de 2016, foi realizada pela Conexão Cultural uma oficina de *Placemaking* com a comunidade e um mutirão urbano para transformar o escadão do Jardim Helian.

A *Oficina de Placemaking* foi realizada no SESC ITAQUERA e participaram adultos, jovens e crianças. No primeiro momento houve uma explicação sobre o conceito de *Placemaking* e exemplos de com estratégias simples, rápidas e baratas, semelhantes à realidade da escadaria do Jardim Helian.

Em um segundo momento do encontro foi realizada uma *Oficina de Projeto* para a realização das intervenções na escadaria. Cada participante recebeu um papel com 4 fotos (escadaria, calçada, muro e praça) para desenhar o projeto que seria executado no dia do mutirão. Os resultados foram surpreendentes, os participantes mostraram a partir dos desenhos seus anseios para o local.



Figura 19. Oficina Placemaking Jardim Helian.

Disponível em: <<http://www.conexaocultural.org/oficina-placemaking-jardim-helian/>>. Acesso em mai. 2017.



Figura 20. Oficina de Projeto Jardim Helian.

Disponível em: <<http://www.conexaocultural.org/oficina-placemaking-jardim-helian/>>. Acesso em mai. 2017.

A intervenção foi associada a uma intenção de mudança de comportamento da comunidade local principalmente em relação às drogas. Foi decidido em conjunto que as cores deveriam ser fortes e vivas, para dar um tom alegre à escadaria.

Já o *Multirão Urbano* foi planejado em conjunto e a sua produção contou com a colaboração de todos envolvidos da comunidade.



Figura 21. Multirão Urbano Jardim Helian.

Disponível em: <<http://www.conexaocultural.org/mutirao-urbano-revitalizacao-escadiao-jardin-helian/>>.
Acesso em mai. 2017.

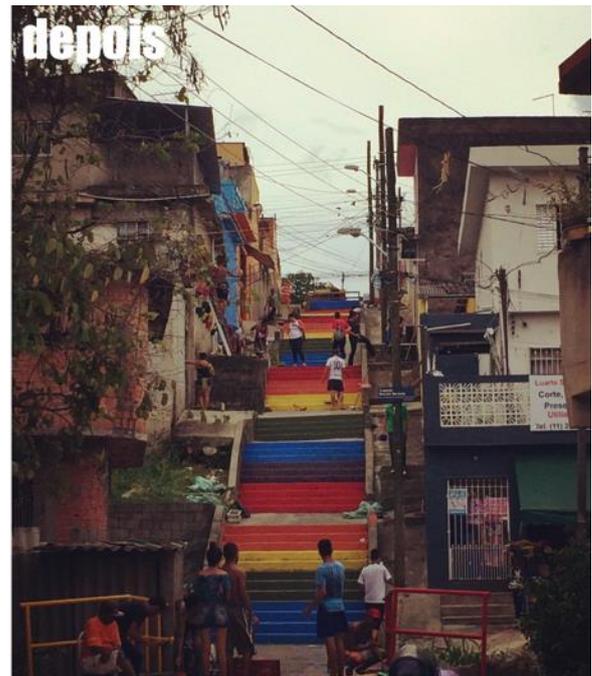
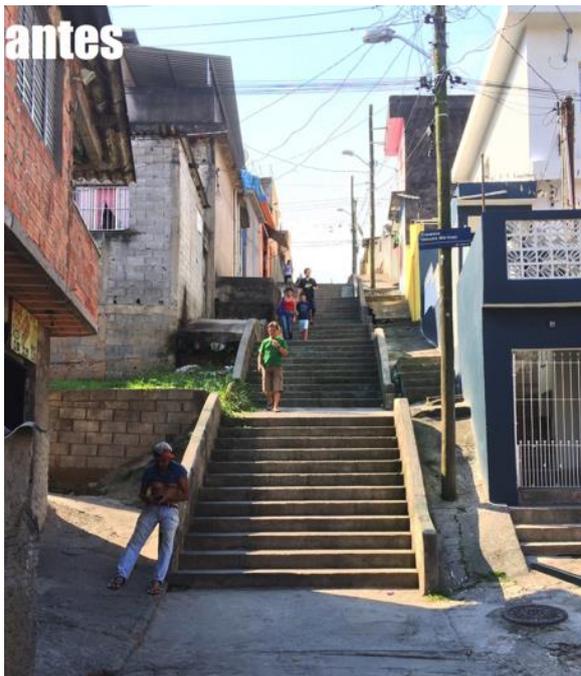


Figura 22. Escadaria - Antes e Depois.

Disponível em: <<http://www.conexaocultural.org/mutirao-urbano-revitalizacao-escadiao-jardin-helian/>>.
Acesso em mai. 2017

4. Área de Estudo: Bairro Esplanada, Juiz de Fora.

Em uma visão macro, a área de estudo e intervenção situam-se na cidade de Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais. Uma cidade de médio porte com 516.247 habitantes (IBGE, 2010), e população atual estimada em 559.636 segundo a mesma fonte. Em meio a Zona da Mata Mineira e predominantemente urbanizada, Juiz de Fora possui 98,9% da sua população vivendo dentro da área urbana (IBGE, 2010).

Já em uma visão micro, a área propriamente consiste no bairro Esplanada. Trata-se de um bairro da região norte do município, com um pouco mais de 3 mil habitantes, sendo 51,6% mulheres e 48,4% homens (LIMA, 2016).

4.1. Formação do bairro

Segundo Lima (2016), foi a partir de um loteamento nomeado Comendador Pedro Procópio Rodrigues Valle, em 1940, que teve o início da formação do bairro Esplanada, configurava-se com 367 lotes, distribuídos em 15 quadras, uma das quais destinada à uma praça, cortadas por vias de 13 a 20 metros de largura.

Ao longo dos anos o bairro foi sofrendo ampliações da sua área e por regularização fundiária. Em 1967 foram-lhe acrescentadas quadras e vias. Entre os anos de 1984 a 2003, foram feitos três processos de regularização de assentamentos irregulares. Essas sucessivas modificações e ampliações do bairro foram descaracterizando o projeto inicial, onde tinha-se vias largas, que se reduziram a passagens mínimas de 1,5m que dão acessos às habitações, essas por sua vez construídas sem uma ordenação (LIMA, 2016).

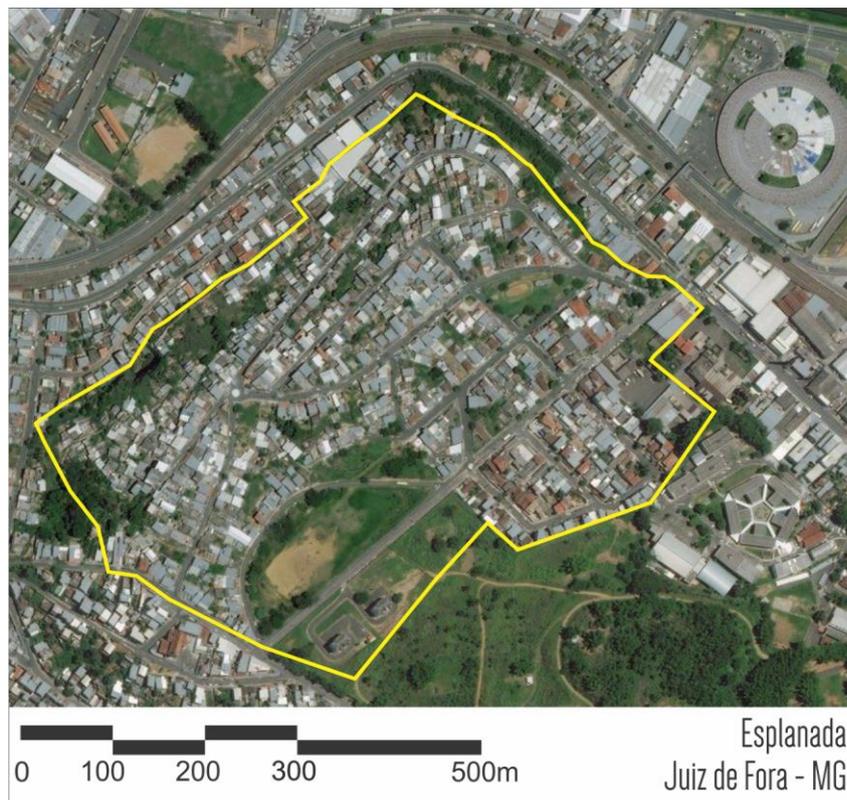


Figura 23. Mapa do bairro Esplanada.
Fonte: Bing Maps modificado pelo autor. (2017)

4.2. Usos e ocupação do solo

O bairro tem predomínio de uso residencial (90,88%) e no parcelamento há predominância de lotes de pequenas dimensões, ocupados por residências unifamiliares de 1 pavimento (36,31%) ou 2 pavimentos (42,34%); ou ainda por alguns prédios de 3 ou 4 pavimentos em menor frequência. Embora o gabarito médio seja baixo, percebe-se a presença de edificações abaixo do nível da rua, favorecidas pela topografia local, e ainda a locação de mais de uma habitação por lote, o que vem contra a legislação permitida para a localidade – de uma unidade habitacional para cada 125m² (LIMA, 2016).

A ocupação dos lotes na parte baixa do bairro, mais plana, é completa. Já na parte alta, os lotes não são totalmente ocupados pelas construções devido à alta declividade, que dificulta o aproveitamento do terreno. Além disso, a maioria das casas impermeabilizaram totalmente os afastamentos frontais (LIMA, 2016).

A concentração de comércio do bairro acontece em duas ruas: Eduardo Weiss e Prof. Valquírio Seixas de Faria. O comércio e serviços ofertados não são responsáveis por muitos empregos e nem suprem a necessidade dos moradores, ocasionando no deslocamento desses para outros bairros, como o Fábrica e para o Centro (LIMA, 2016).

4.3. Morfologia Urbana

O bairro apresenta diferentes morfologias, isto é, diferenças no desenho urbano e nas formas de ocupá-lo. Isso reflete na própria arquitetura das residências e desenho das vias. Esses estão ligados diretamente aos elementos morfológicos que compõe o espaço urbano: o solo ou topografia, o edifício, o lote, o quarteirão, a fachada, a rua, a praça, o monumento, a vegetação e até mesmo o mobiliário urbano, segundo as categorias estabelecidas por Lamas (2007).

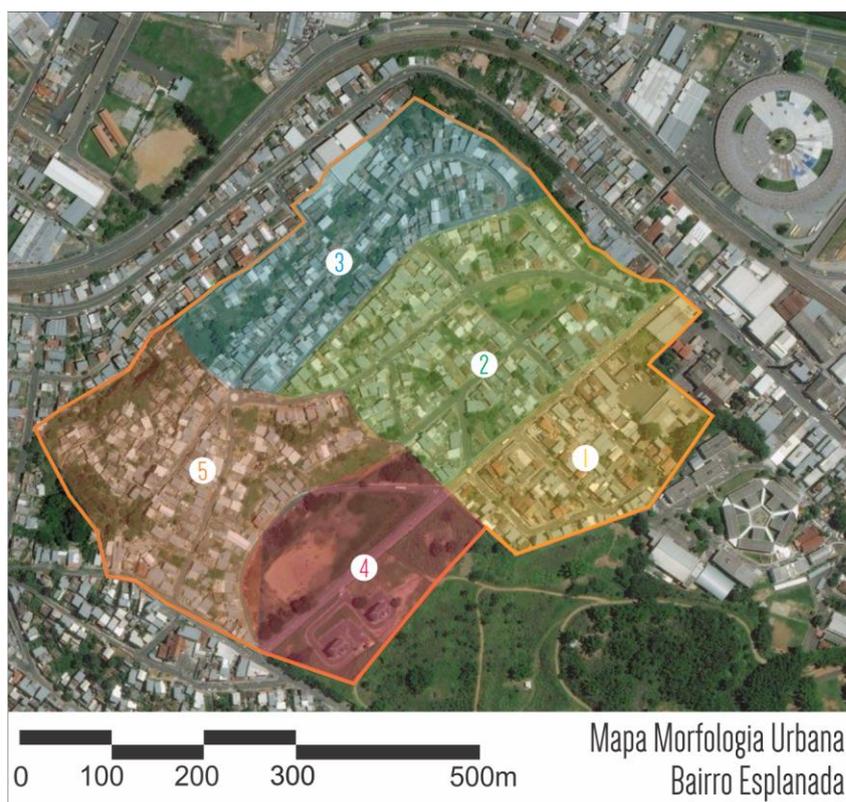


Figura 24. Morfologia Urbana.

Fonte: Bing Maps modificado pelo autor. (2017)

Com base nesses elementos que compõe o espaço urbano, e de forma bastante simplificada, podemos distinguir cinco áreas no bairro que foram delimitadas por possuírem características em comum. A parte baixa do bairro (1) é parte da formação inicial do bairro do ano de 1940, segundo Lima (2016), tem uma organização maior tanto das ruas, quanto de afastamentos e qualidade das residências, com lotes e vias maiores, localizada em área plana, e possui quadras menores, que são favoráveis a caminhada e conexão com outras áreas.

A medida que o nível topográfico se eleva, os terrenos vão ficando menores e mais íngremes. A topografia é fator determinante na forma de ocupação do bairro. A morfologia

da área (2) consiste numa porção de grandes morros, contudo com ainda perceptível organização dos lotes e quadras um pouco maiores que as da (1). Já a região (3) encontra-se em um nível bastante elevado do bairro, com lotes menores, vias um pouco mais estreitas e quadras longas. Ambas pertencem também a formação inicial do Esplanada.

O bairro passou por seguidas expansões, (4) e (5), essas áreas são caracterizadas por ocupações irregulares que posteriormente passaram por regularização fundiária. Como esperado, são áreas de ocupação desordenada com os terrenos mais íngremes e de risco do bairro. Onde a área (4) destaca-se pelo forte adensamento, lotes menores, e quadras grandes. São também nessas áreas que encontramos as vias mais estreitas do bairro, e escadarias de importância local para os moradores, que refletem diretamente no acesso e qualidade das moradias.

4.4. Caracterização das vias e habitações

O bairro Esplanada conta com dez vias locais e uma via coletora, a Eduardo Weiss. Contudo, Lima (2016) constatou através de observação e walkthrough que no bairro existe certos tipos de hierarquia viária a partir do uso das ruas e destaca a rua Bias Fortes como rua de importância para os usuários. Notou-se também que fatores como a inclinação da rua, a posição geográfica da rua dentro do bairro e a possibilidade de acesso ao transporte público são determinantes na maior ou menor utilização das vias.



Figura 25. Visada Rua Bias Fortes.
Foto: Do autor (2017).



Figura 26. Rua Bias Fortes, próximo a UAPS.
Foto: Do autor (2017).

Além disso o bairro possui duas escadarias, uma de importância local e outra para o bairro como um todo. A primeira liga duas vias locais e a segunda a uma via do bairro Cerâmica, que facilita o acesso aos equipamentos urbanos do bairro vizinho.

Quanto as habitações, o tipo de acabamento das edificações no bairro modifica-se bastante, algumas não o possuem ou em más condições, ou revestimentos simples, e outras com revestimentos satisfatórios. Em sua maioria, as edificações possuem cobertura e poucas apresentam afastamento frontal.



Figura 27. Edificações - Rua Maria Luísa Tostes.
Foto: Do autor (2017).

4.5. Mobiliário urbano

O mobiliário urbano do bairro é bastante deficitário, resumindo-se à postes de iluminação. Outros mobiliários como lixeiras, telefones públicos, pontos de ônibus com mobiliário, são bem escassos.

Quanto a iluminação do bairro, esta atinge todas as vias. No entanto não tem o cuidado para com os pedestres, e não confere segurança para o local. Os cruzamentos, principais locais de acidentes, não apresentam destaque eficaz no período noturno e o

mesmo acontece com as passagens de pedestres, pois priorizam os automóveis (LIMA, 2016).



Figura 28. Mobiliário - Rua Eduardo Weiss.
Foto: Do autor (2017).

4.6. Cobertura vegetal e arborização urbana

O bairro possui arborização urbana composta de árvores de pequeno porte em sua maioria, distribuídas por quase todas as suas ruas, contudo não suficientes para proporcionar conforto visual e ou térmico, além de não passarem por manutenção adequada.



Figura 29. Arborização Urbana - Rua Bias Fortes.
Foto: Do autor (2017).

Quanto à cobertura vegetal apresenta apenas manchas vegetativas, a maioria em terreno privado ou em locais não construídos pela acentuada topografia. São inexistentes áreas de preservação, e sob o aspecto do meio físico, esta carência, aliada à implantação inadequada dos parcelamentos e à ocupação indevida dos terrenos, podem ocasionar deslizamentos com sérios transtornos à população (LIMA, 2016).

4.7. Mobilidade e Caminhabilidade

O tráfego de veículos nas vias pode ser considerado de médio a baixo, e o trânsito de transeuntes moderado. As ruas são utilizadas apenas pela população residente nos bairros, ou que trabalham ali. Quanto ao transporte coletivo o bairro é servido com cinco linhas de ônibus urbano, que passam por seis ruas estratégicas, e ligam ao Centro da cidade e aos bairros adjacentes, facilitando a mobilidade urbana (LIMA, 2016).

Calçadas estreitas de 1,20 a 1,50m, demonstram a importância que é dada ao automóvel em detrimento aos pedestres, do convite a caminhada, da segurança, acessibilidade, dentre outros fatores no bairro. A inclinação e qualidade das vias também é um fator determinante nos índices de caminhabilidade¹ levantados por Lima (2016). Segundo a autora o bairro Esplanada tem seu índice de caminhabilidade médio de 2,61 numa escala de 0 a 5, e varia de acordo com as características da via.

¹ Em seu estudo Lima (2016) utilizou dos conceitos de Ghidini (2011), segundo o qual a caminhabilidade é definida como uma qualidade do espaço físico, que permite ao pedestre acesso às diferentes partes da cidade, independentemente de idade, inserção social, condição física.



Figura 30. Calçadas - Rua Professor Valquírio Seixas de Faria.
Foto: Do autor (2017).



Figura 31. Inclinação vias - Rua Miguel Couto.
Foto: Do autor (2017).

4.8. Equipamentos Urbanos e as Áreas Livres do bairro

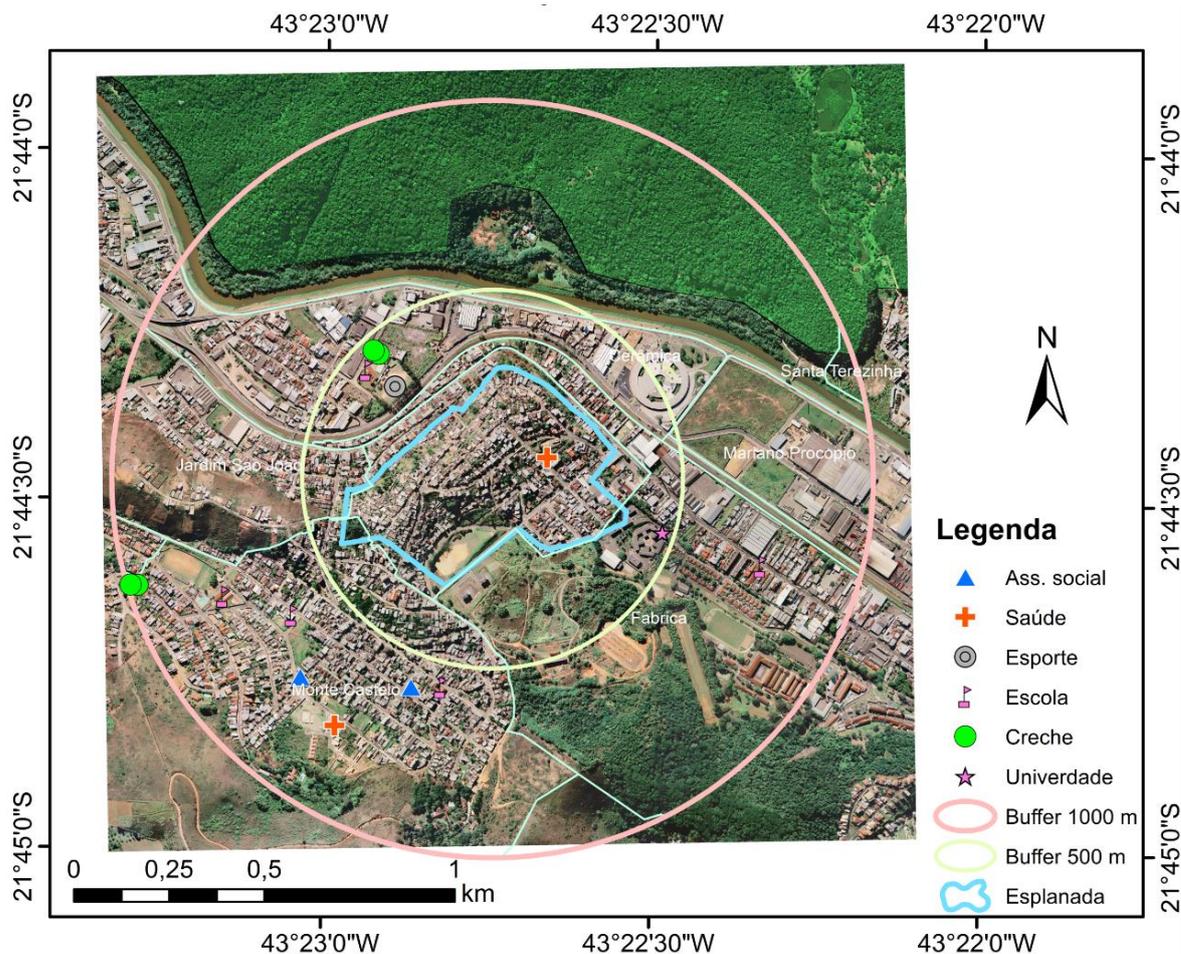


Figura 32. Mapa Equipamentos – Bairro Esplanada.

Fonte: Lima (2016)

É possível observar através do mapa a carência de equipamentos públicos do bairro que conta apenas com uma Unidade de Atenção Primária à Saúde (UAPS). A população é obrigada a buscar em bairros próximos o atendimento de outros serviços, como educação, esporte, e assistência social.

No que diz respeito aos espaços públicos, esses são precários quanto a infraestrutura e subutilizados. Os espaços se configuram como pequenas praças ou terrenos abertos, sem necessariamente possuir mobiliário urbano e arborização. As áreas públicas do bairro foram analisadas por Lima (2016), segundo conceitos de análise qualitativos sugeridos por Gehl (2006) que envolvem desde proteção, conforto, à escala.

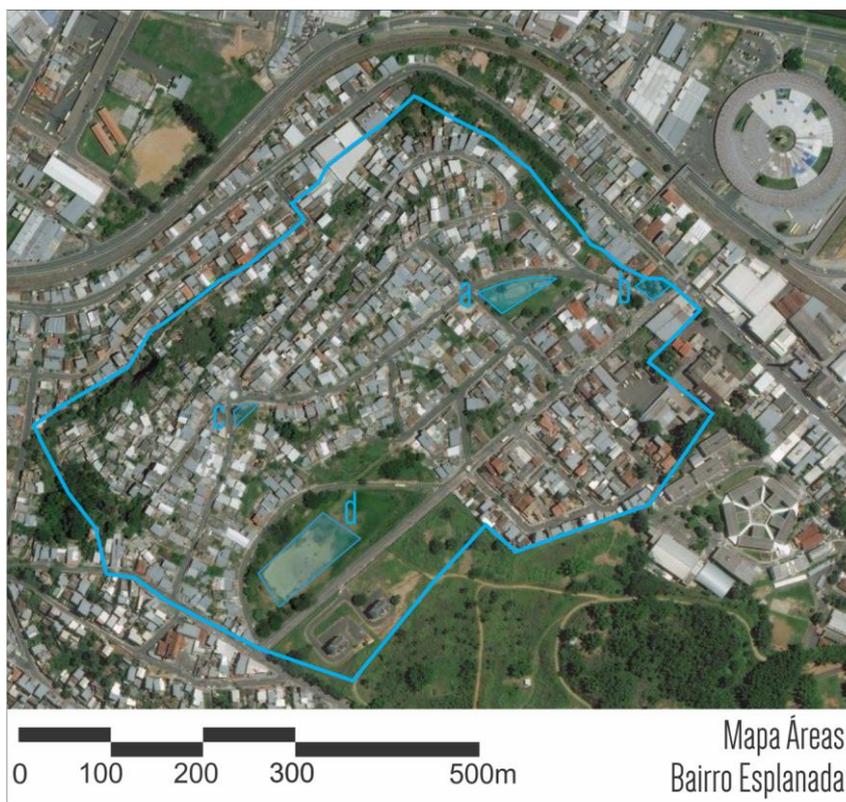


Figura 33. Mapa Áreas

Fonte: Bing Maps modificado pelo autor. (2017)

A Área Livre A, situada na esquina das vias R. Maria Luísa Tostes com R. Miguel Couto, é uma área ruim, de acordo com os parâmetros de análise utilizado, pois possui terreno irregular, sem mobiliário urbano, pouca proteção e conforto ao transeunte.



Figura 34. Área A.

Foto: Do autor (2017).

Já Área B, localizada na esquina da R. Maria Luísa Tostes com R. Eduard Weis, consiste em uma praça e possui resultados médios de qualidade. Conta com alguns

bancos, arborização e induz a permanência, além de seus elementos e entorno promoverem a percepção espacial adequada a escala humana.



Figura 35. Área B.
Foto: Do autor (2017).

A Área C, uma praça, também possui resultados médios. Está localizada entre as vias R. Antônio Costa Filho com R. Maria Luísa Tostes. Conta com playground e visuais interessantes a experiência espacial. Contudo possui baixa qualidade de proteção a violência e a experiências sensoriais desagradáveis e poucos mobiliários, sem uma centralidade e convite a permanência. O espaço é subutilizado.



Figura 36. Área C.
Foto: Do autor (2017).

Por fim a, no encontro das vias R. Eduardo Weis com R. Luís André, a Área Livre D, traz resultados em sua maioria ruins. É um terreno grande, conhecido como “campinho”, muito amplo, sem proteção e conforto adequados, além de ausência de mobiliário que dê suporte a sua utilização.



Figura 37. Área D.

Foto: Do autor (2017).

A partir dessa visão sobre os espaços livres do bairro, foi feita escolha da área, onde serão feitas as experiências e as proposições de projeto, optando pela *Área C*, por ser essa de melhor acesso, mais visibilidade, que já apresenta certo uso por parte dos moradores, que pode ser potencializado, e que trará mais impacto para o bairro.

5. Trajetória: relatos de uma experiência

De modo geral, o primeiro passo desse trabalho foi a revisão bibliográfica e estudo dos conceitos utilizados. Em um segundo momento, foi realizado o reconhecimento da área estudada e busca por um agente da comunidade que pudesse intermediar a aproximação com os demais moradores. Assim, foi possível estabelecer o contato com a comunidade, compreender o espaço e as considerações que a população tem a cerca dele, como segurança, acesso, clima, escala, contexto e a manutenção. Espera-se poder rever como o espaço pode ser melhor aproveitado e fazer proposições de novas atividades, afim de aumentar o uso, flexibilidade e qualidade do local. A observação dos elementos físicos que proporcionam um ambiente com convites para uso e interação entre as pessoas, como o mobiliário, iluminação, proteções físicas, coberturas, e os materiais de acabamento utilizados, também se fez importante nessa etapa de diagnóstico da área.

5.1. Ações Realizadas

5.1.1. Contato com agentes da comunidade

Na primeira visita em loco propositalmente buscou-se por moradores potencialmente ativos dentro da comunidade e assim estabelecer uma pessoa que auxiliasse no posterior contato e ativação dos demais. Foi realizado o contato com a atual presidente da associação do bairro e através dela pode-se obter algumas informações relevantes do bairro, como as áreas com potencial de serem trabalhadas.

5.1.2. Avaliação pré-projeto (APP)

A avaliação pré-projeto, segundo o livro *“Observando a qualidade do lugar: procedimentos para avaliação pós-ocupação”*, é um processo sistematizado de simulação do desempenho do ambiente construído ao longo das decisões de projeto, com o objetivo de identificar com a ajuda dos futuros ocupantes, neste caso moradores

do bairro, os problemas relacionados com os mesmos, bem como para o desempenho do ambiente considerado (RHEINGANTZ et al., 2009).

Já com a área de atuação determinada, a praça (figura 38), a observação dos elementos físicos e uso do local foi feita através de *Levantamento Fotográfico* e *Mapa Comportamental*. Ambas ferramentas se mostram válidas tanto para compreender a atual situação da praça como para uma futura observação acerca das intervenções realizadas e os impactos que elas podem trazer.

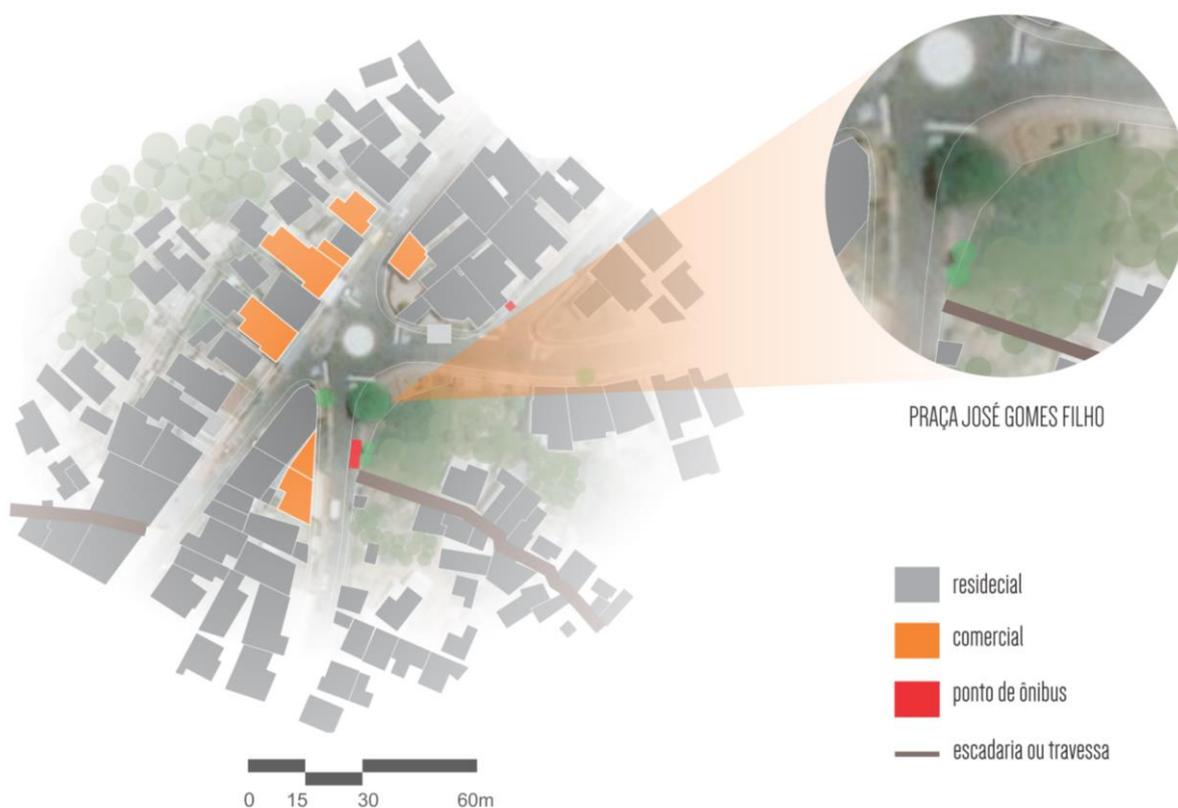


Figura 38. Mapa Entorno Imediato – Praça José Gomes Filho.

Fonte: Do autor (2017).

O *Levantamento Fotográfico*, ou “*Photographing*” segundo Gehl (2013), consiste em registrar através de fotografias o ambiente afim de evidenciar suas características físicas e usos, e possibilitar ao longo do tempo a comparação do antes e depois, além de análises posteriores sobre o espaço público em estudo. Dada a relevância deste instrumento, foi feito o registro de imagens que caracterizam a atual situação da praça com o objetivo de utilizá-las futuramente em análises comparativas do ambiente.

Nesta análise, o *Levantamento Fotográfico* destacou características e problemas da praça que devem ser melhor analisados na etapa propositiva, como a grande

quantidade de lixo por toda sua extensão, a depredação do parquinho existente, a ausência de mobiliário urbano adequado, e também a centralidade e sombra criada pela árvore de grande porte. As fotos evidenciam o descaso e a falta de manutenção do espaço, como pintura e capina, mas também demonstram que há um uso do espaço mesmo em tais condições.



Figura 39. Seleção Fotos - Levantamento Fotográfico.

Fonte: Do autor (2017).

Já o *Mapa Comportamental* é um instrumento de pesquisa utilizado para registrar graficamente em um mapa ou planta baixa as observações sobre o comportamento e as atividades dos usuários em um determinado ambiente. O *Mapa Comportamental* pode ser centrado no lugar ou na pessoa. No *Mapa Comportamental* centrado no lugar, o

observador fica em um ponto estratégico e de boa visibilidade, já o centrado na pessoa, o observador acompanha um usuário, preferencialmente sem que esse o perceba, por um percurso. Esse instrumento mostra-se muito útil para identificar os usos, arranjos, fluxos de pessoas e as relações espaciais (RHEINGANTZ et al., 2009).

No caso da praça foram adotadas simbologias para as ações identificadas e a contagem do fluxo de pessoas durante o tempo da observação. As ações categorizadas foram o *estar*, *brincar* e *passar*. A realização dos *Mapas Comportamentais* se deu em duas ocasiões, ambos em dias úteis, com clima ameno, mas com horários distintos, o primeiro mais próximo ao meio do dia e o segundo no início da manhã, que revelaram apropriações também distintas. Ambos foram centrados no lugar.

A observação e construção do *Mapa Comportamental 01* (figura 40) teve duração de uma hora, onde pode-se notar um número relevantes de pessoas adultas na praça acompanhando crianças que brincavam, e essas sentavam no canteiro do parquinho ou debaixo da árvore. Outra atividade importante foi a utilização da praça e seu entorno imediato para a espera de *van* ou carona por parte das crianças para ir para a escola. Com o grande número de crianças pode-se observar que mesmo com as condições precárias do parquinho esse ainda é utilizado e por vez pode-se também notar duas crianças jogando bola na rua e outras duas soltando pipa. Em um outro momento, com a chegada do ônibus, um grande número de pessoas ocupou a praça, mas apenas de passagem. Um homem sentou na mureta de proteção da praça e uma criança caminhou sobre ela. As observações deste primeiro mapa demonstram que há uso para o *estar* e o *brincar* na praça, contudo, esses ocorrem em meio a precariedade, abandono, falta de segurança e sujeira.

No *Mapa Comportamental 02* (figura 41) o tempo de observação foi menor, 30 minutos, mas suficiente pois o uso da praça nesse horário foi relativamente baixo. Ao contrário do primeiro, neste segundo dia não se observou crianças brincando e o número de adultos que estavam na praça foi consideravelmente menor. O fluxo de pessoas passantes foi parecido, e nesse pode-se observar mais adultos e idosos. Neste dia pode-se perceber também que os moradores se aglomeram em frente aos comércios para conversar, permanecendo nesses locais em pé por um tempo. Por ocasião, neste mesmo dia, um cadeirante acompanhado de uma outra pessoa em condições normais de mobilidade permaneceu no entorno imediato da praça, acredita-se que aproveitando o

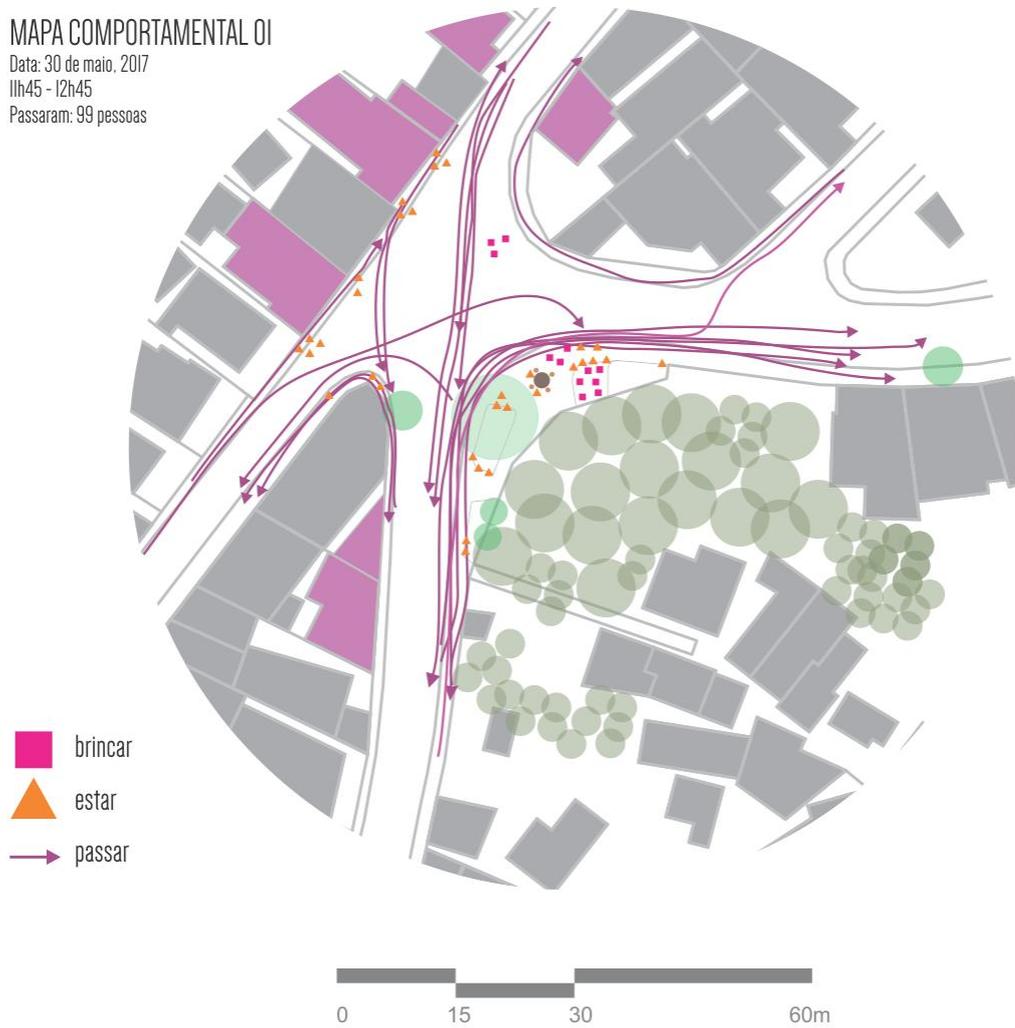
sol. Essa situação atentou para a acessibilidade a esse espaço público do bairro e o quanto acessível ele deveria ser.

MAPA COMPORTAMENTAL 01

Data: 30 de maio, 2017

11h45 - 12h45

Passaram: 99 pessoas



11h58



12h14

Figura 40. Mapa Comportamental 01.

Fonte: Do autor. (2017)

MAPA COMPORTAMENTAL 02

Data: 01 de junho, 2017

09h25 - 09h55

Passaram: 56 pessoas



09h27



09h56

Figura 41. Mapa Comportamental 02.

Fonte: Do autor. (2017)

Quanto ao fluxo de pessoas, em ambos os mapas, os registros demonstram que esse está diretamente ligado ao acesso aos comércios, principalmente ao mercado e quitanda, e também ao ponto final de ônibus localizado na praça. Outra consideração importante é que as pessoas naturalmente tendem a locomover-se de uma esquina a outra em diagonal, dividindo esse espaço com os carros. O fluxo de carros é bem

característico de bairro, baixo e com velocidade reduzida, com veículos particulares, alguns caminhões e os ônibus das linhas que atendem o bairro.

5.1.3. Contato com os moradores

A proposta para esse primeiro contato foi realizada no formato de *Oficina*, onde de forma expositiva seria apresentado os conceitos relacionados com *Placemaking* bem como projetos referenciais e posteriormente contaria a participação dos moradores. Contudo esse formato não foi incorporado por eles, dado diversos fatores, como pouca divulgação, local para a realização da oficina, e a pouca participação dos moradores na comunidade. Como alternativa, no dia destinado a realização da oficina, a conversa foi direcionada para a praça, uma vez que havia moradores no local. Assim, de forma voluntária e mais informal, iniciou-se uma discussão sobre a praça com um formato mais próximo de uma *Roda de Conversa*, onde foram debatidas as necessidades dos usuários bem como formas simples e possíveis de as atender. Neste momento foi aproveitado para aplicar dois instrumentos de pesquisa relevantes em projetos participativos: *Seleção Visual* e *Poema dos Desejos*. O formulário (Anexo A) foi entregue para aqueles que após a explicação dos instrumentos aceitaram realizá-los (figura 42).

A *Seleção Visual* é um instrumento com base em um conjunto de imagens referenciais previamente selecionadas que possibilita identificar os valores e significados atribuídos aos ambientes analisados. Permite também compreender o imaginário das pessoas em relação ao ambiente construído, considerando os impactos gerados por algumas tipologias arquitetônicas e organizações espaciais, ou seja, identificar e explorar as associações positivas e negativas e/ou a imageabilidade² dos usuários. Os instrumentos que utilizam imagens facilitam a sua comparação e definição de preferências por parte dos usuários, à medida que evidenciam as diversas possibilidades visuais. É importante que as imagens selecionadas tenham uma relação entre si, correspondência com o contexto real do ambiente a ser analisado, e com os aspectos econômico, cultural e social existentes, abrindo a possibilidade dessas imagens referenciais apontarem informações relevantes, ou diretrizes de projetos, que possam vir a ser incorporadas ao diagnóstico da área (RHEINGANTZ et al., 2009).

² Cf. Lynch (1980), é a qualidade ou força evocativa da imagem de um edifício ou ambiente e de seu entorno, em termos de aparência, legibilidade e visibilidade (RHEINGANTZ et al., 2009).

Como forma à complementar a análise do ambiente, foi aplicado o *Poema dos Desejos*³, que consiste em um instrumento no qual os usuários de um ambiente declaram por meio de sentenças escritas ou de desenhos, suas necessidades, sentimentos e aspirações relativos ao edifício ou ambiente analisado. Por se tratar de um instrumento não estruturado e de livre expressão, tem sua elaboração e aplicação bastante rápida e simples, e de modo geral, traz resultados significativos sobre a demanda e expectativas dos usuários. Este instrumento mostra ter grande utilidade em abordagens participativas, principalmente na etapa de programação de um projeto de arquitetura (RHEINGANTZ et al., 2009).

A análise deste instrumento possibilita a identificação de um imaginário coletivo em relação àquele contexto vivenciado pelos usuários e contribui para a construção do que seria uma imagem ideal deste ambiente ou futuramente projetado (del Rio et al, 1999 apud RHEINGANTZ et al., 2009).

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC 1
 Aluna: Ashley Adelaide Rosa
 Orientador: Prof. Dr. Klaus Chaves Alberto
 FAU/UFJF

Arquitetura e Urbanismo
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

PREENCHA ESSES DADOS ANTES DE INICIAR A ATIVIDADE
 Homem Mulher Idade: 18
 Qual é a sua relação com a praça?
 Brincar Estar Esperar ônibus/van Passagem Outros: _____

ATIVIDADE 01. SELEÇÃO VISUAL - ESPAÇOS PÚBLICOS
 Observe as fotos abaixo, que representam vários tipos de espaços públicos. Depois, anote quais suas impressões de cada uma delas. Não é preciso que você indique a sua imagem preferida.

	Os três melhores aspectos: <u>Os bancos</u> <u>as madeiras</u> <u>os cantos</u>	Os três piores aspectos: <u>De frente</u> <u>para rua</u>
	Os três melhores aspectos: <u>As pinturas</u> <u>grafites que</u> <u>deixa uma</u> <u>melhora</u>	Os três piores aspectos: <u>Os pedras</u> <u>para umidade</u> <u>os moradores</u>
	Os três melhores aspectos: <u>A parte de</u> <u>onde os bancos</u> <u>os grafites</u>	Os três piores aspectos:
	Os três melhores aspectos: <u>Os guarda-sol</u> <u>os cantos</u>	Os três piores aspectos: <u>fica muito</u> <u>quente da vista</u> <u>da avenida</u>

ATIVIDADE 02. POEMA DOS DESEJOS
 Utilize o espaço abaixo para responder de forma livre, através de sentenças escritas ou desenhos, completando a frase a seguir.

Gostaria que a praça...

Tivesse melhora não somente na parte dos brinquedos mais nos bancos, nos chãos, mas pinturas que coloque coisas de projetos para as crianças, também, coloque coisas feitas com reciclável, pois além de ser mais barato, vai mostrar sustentável, colocar pinturas que chame a atenção dos moradores, colocar mais bancos, e tirar as pessoas que faz mais de 15 anos está no mesmo lugar, junta colocar coisas sustentáveis, que interaja os moradores. Ter mais acompanhantes não só dos moradores mais das pessoas que fale que vai ajudar. ~~Quero~~ Avurema os brinquedos pois está todos enfiados ou até mesmo tirar pq vai ser melhor tirar do que deixar tudo feio

Figura 42. Formulário Preenchido.

Fonte: Do autor (2017).

³ Tradução do inglês *Wish Poems*.

Quanto aos resultados da aplicação destes instrumentos, a *Seleção Visual* revelou que os usuários estão atentos quanto ao fator de segurança do espaço, se esse é muito próximo da rua, se é isolado, e também ao uso dado pelas pessoas e ao fluxo veículos. Apontou também na maioria das respostas, como ponto positivo a presença de bancos, e negativo a ausência deles. E ainda, algumas pessoas apontaram as cores ou pintura como um aspecto positivo dos ambientes selecionados. Já no *Poema dos Desejos* foi reafirmado a preocupação que os usuários têm com a segurança da praça, tanto em relação a proximidade com a via quanto ao uso do parquinho pelas crianças, uma vez que os brinquedos se encontram enferrujados e a areia do local bastante suja, sem quaisquer cuidados e manutenção. Foi relevante também a recorrência sobre a ausência de mobiliário para *sentar e brincar*, alguns até colocaram o uso de materiais recicláveis como alternativa para a solução, utilizando termos como sustentável e ecológico. Outro ponto colocado foi a melhoria da infraestrutura de modo geral, como pintura, limpeza e iluminação. E também o anseio de um local mais convidativo e de lazer pode ser notado em algumas respostas.

5.2. Ações Futuras

São ações que se enquadram no processo de desenvolvimento e ativação do local através do *Placemaking*, que ainda serão realizadas.

5.2.1 Busca por parceiros

Tendo os resultados das ações realizadas anteriormente será possível ter um direcionamento de que parceiros buscar e assim determinar as estratégias e desenvolvimento para as ações subsequentes com as limitações e possibilidades de intervenção. Os parceiros podem ser tanto de ordem privada como pública.

5.2.2. Mutirões Urbanos

Será o momento de executar as melhorias na praça apontadas pelos moradores e que são possíveis com os parceiros encontrados. Esse momento pode ser aproveitado para capacitação dos moradores e incentivo para a participação dos mesmos mais ativamente em sua comunidade com o desenvolvimento em conjunto de estratégias e um plano de atividades para o local. Mantê-lo ativo auxilia na manutenção e sentimento

de pertencimento para com o lugar, gerando na comunidade a ideia de pertencimento e cuidado com o espaço.

5.2.3 Atividades Comunitárias

São ações que visam despertar o interesse, conscientização, e cuidado pelo local, bem como o sentimento de pertencimento. Como já apresentado nesse estudo anteriormente, são claras as evidências de que comunidades ativas são importantíssimas para garantir a vitalidade de qualquer espaço público e a realização de atividades no local tem caráter primordial para nessa ativação. O *Placegame* e *atividade conjunta com a saúde* são algumas das atividades que podem ser realizadas dentre outras inúmeras propostas que podem surgir ao longo desse processo.

5.2.3.1 Placegame

A atividade chamada de "*Placegame*", foi desenvolvida pela PPS há quase duas décadas atrás. Esse método ajuda a trabalhar com as comunidades para identificar o que está funcionando em um espaço público, e aqueles aspectos que poderiam ser melhorados, com base em observações de como as pessoas estão ou não usando o espaço (PPS, 2016).

Segundo a PPS (2016) é uma ferramenta para avaliar qualquer tipo de espaço e examiná-lo através de estratégias de observação, qualquer pessoa pode usá-lo, basta prestar atenção para como se sente naquele espaço. Devido à sua acessibilidade, é uma atividade ideal para oficinas comunitárias, pois oferece aos moradores uma ferramenta fácil para identificar os ativos e deficiências dos espaços públicos que usam diariamente. Apresenta grande diversidade de classificações e respostas que mostra os quão dinâmicos são os espaços públicos e é por isso que funciona, são respostas daqueles que conhecem melhor um lugar - seus usuários diários - e que estão melhor equipados para refazê-lo.



Figura 43. Exemplos de placegame.

Fonte: Fonte: Conexão Cultural. Disponível em: < <http://www.conexaocultural.org/wp-content/uploads/2017/03/Labplacemaking.pdf>>. Acesso em junho. 2017

Em outras palavras, trata-se de um questionário indireto com a população realizado de forma lúdica e simples. Esse tipo de “jogo do lugar” facilita a participação de diferentes faixas etárias e grupos sociais, além de ser bastante convidativo, e por isso uma potencial ferramenta de análise e projeto do espaço público.

5.2.3.2 Atividade conjunta com a saúde

O objetivo desta parceria é atrair mais pessoas para o local assim como realizar ações que demonstrem a inter-relação entre espaços públicos de qualidade e os índices de saúde e a qualidade de vida das pessoas, como por exemplo, espaços que possibilitem o exercitar, que convidem a caminhar, e por consequência diminuam as taxas de sedentarismo da população. A partir desta ideia construir um formato de material didático e realizar ações preventivas com os participantes.

5.2.4. Avaliação pós- ocupação (APO)

Segundo Rheingantz et al. (2009), a análise de pós-ocupação é um processo interativo, sistematiza e rigoroso de avaliação de desempenho do ambiente construído após um tempo da sua ocupação, que focaliza em avalia nos ocupantes, influência e consequências das decisões projetuais no desempenho do ambiente considerado, principalmente aqueles relacionados com a percepção e uso por parte de diferentes grupos de atores.

A utilização desta ferramenta de análise busca fomentar informações no que diz respeito ao que está funcionando e o que não está no lugar e também observar como o comportamento das pessoas foi modificado pelos aspectos físicos do ambiente com a

intervenção temporária ou protótipo do projeto. Essas informações são importantes para conduzir os refinamentos e adequações ao projeto, para melhor atender as necessidades e anseios da comunidade.

6. Resultados e Descobertas

Com o objetivo sintetizar os resultados obtidos bem como os apontamentos e análises feitas acerca do ambiente estudado buscou-se um instrumento que possibilitasse isto. Assim, foi adotado a *Matriz de Descoberta* como instrumento facilitador de tal síntese. No caso deste trabalho espera-se com o seu uso ter maior compreensão por parte dos moradores sobre as questões levantadas acerca o local e até mesmo maior identificação com o mesmo.

6.1. Matriz de Descoberta

A Matriz de Descoberta foi concebida com o propósito de registrar graficamente os resultados e descobertas de uma análise de um determinado ambiente, de maneira a facilitar sua compreensão por parte dos clientes e usuários. A principal contribuição deste instrumento é possibilitar uma visão panorâmica do ambiente analisado, suas principais qualidades e problemas identificados. Cada descrição sobre as descobertas é realizada sobre uma base contendo uma planta-baixa e fotografias do ambiente e a indicação do instrumento que a gerou. Desta maneira como são colocadas as informações e à medida que vão sendo classificadas e selecionadas, é possível estabelecer a relação existente entre elas. O material resultante, que consiste na própria *Matriz de Descoberta*, embasará as futuras tomadas de decisão acerca do ambiente pesquisado. (RHEINGANTZ et al., 2009).

Para a elaboração da *Matriz de Descoberta* deste estudo foram selecionadas as informações relevantes e descobertas obtidas ao longo de todo o seu percurso e categorizadas, segundo o instrumento utilizado, a sua origem.

OG O bairro Esplanada é predominantemente de uso residencial e em seu parcelamento há predominância de lotes pequenos. Embora o gabarito médio seja baixo, 1 a 2 pavimentos, percebe-se a presença de edificações abaixo do nível da rua, favorecidas pela topografia local, e ainda a locação de mais de uma habitação por lote, o que intensificado nas áreas de ampliação do bairro que passaram por regularização fundiária.

OG O mobiliário urbano do bairro, assim como os espaços públicos, é bastante deficitário - as lixeiras e ponto de ônibus com abrigo são raros - resumindo-se a postes de iluminação.

MC As observações dos mapas demonstram que há uso da praça por parte dos moradores, contudo, esses ocorrem em meio a precariedade de infra-estrutura. Tais usos poderiam ser potencializados nas diretrizes projetais.

SV Os usuários estão atentos quanto ao fator de segurança do espaço, se esse é muito próximo da rua, se é isolado, e também a quantidade de pessoas e ao fluxo veículos.

SV Apontou também na maioria das respostas, como ponto positivo a presença de bancos, e negativo a ausência deles. E ainda, como positivo, as cores ou pintura dos ambientes selecionados.

LF O levantamento fotográfico destacou as características e problemas da praça - grande quantidade de lixo por toda sua extensão, depredação do parquinho existente, ausência de mobiliário, sombreamento da arvore e uso do espaço pelos moradores.



MC Pode-se notar um número relevantes de pessoas adultas na praça acompanhando crianças que brincavam, além de evidenciar o uso dos canteiros como assentos. Outra atividade importante foi a utilização da praça e seu entorno imediato para a espera de van ou carona por parte das crianças para ir para a escola. Com o grande número de crianças pode-se observar algumas jogando bola e soltando pipa.

MC Em um outro momento, com a chegada do ônibus, um grande número de pessoas ocupou a praça, mas apenas de passagem. Outro ponto observado é que as pessoas se aglomeram em frente os comércios e esquinas para conversar.

MC O fluxo de pessoas está diretamente ligado aos comércios e também ao ponto final de ônibus localizado na praça. As pessoas naturalmente tendem a locomover-se de uma esquina a outra em diagonal pela rua.



PD Reafirmação da preocupação por parte dos usuários em relação a segurança da praça, tanto em relação a proximidade com a via quanto ao uso do parquinho pelas crianças. Foi relevante também a recorrência sobre a ausência de mobiliário para sentar e brincar, alguns até colocaram o uso de materiais recicláveis como alternativa para a solução, utilizando termos como sustentável e ecológico.

PD As respostas, de modo geral, levam a um desejo de um local mais limpo, mais convidativo, com identidade e lazer para a comunidade, com mais espaço, mesas e bancos, proporcionando maior conforto.

LEGENDA	
OG	observações gerais
LF	levantamento fotográfico
LT	levantamento técnico
MC	mapa comportamental
SV	seleção visual
PD	poema dos desejos

6.2. Diretrizes projetuais

Com a elaboração da *Matriz de Descoberta* sobre a praça, essa pode apontar algumas relações existentes entre os resultados e observações feitas. De um modo geral, a praça está carente de infraestrutura básica – manutenção, iluminação, lixeiras - e seus usuários estão cientes disso, e tem o desejo de um espaço que atenda a todos da comunidade, como pode ser observado nas respostas dos instrumentos aplicados. Assim, esses fatores indicam que iniciativas que busquem trazer maior conforto, segurança e identidade a esse espaço, serão bem recebidas por esses moradores.

Como diretrizes será indispensável buscar alternativas para aumentar o número de mobiliário urbano, principalmente de bancos e mesas; uma solução para o parquinho e segurança das crianças; mais locais de sombra que proporcionem conforto e convite para o permanecer na praça; elementos que colaborem para a criação de uma identidade; e atividades de ativação da comunidade.

7. Considerações Finais

Este trabalho permitiu a partir da escolha de sua escala de atuação estudar os impactos que as intervenções locais – de uma rua, uma praça, um quarteirão, ou ainda uma escadaria – tem no cotidiano das pessoas e a validade que tais ações têm para o urbanismo, enxergando essas alternativas como soluções que podem ser incorporadas a longo prazo em estratégias do planejamento urbano. Da mesma forma, a intenção da pesquisa de explorar ideias simples, mas com forte impacto para a área que se insere, trouxe o desafio de investigar as abordagens do *Placemaking* e de adequar tais conceitos e ações à realidade dos espaços públicos na cidade de Juiz de Fora.

A relação entre a melhoria da qualidade urbana das cidades com o acesso aos espaços públicos, motivo e direcionamento deste estudo, pode ser observada nos estudos de caso apresentado e nos teóricos que defendem a importância de espaços públicos de mais qualidade e convidativos para as pessoas. Os estudos de caso foram de suma importância para compreender as ações, postura e atividades adotadas quando se busca ter projetos mais participativos e que envolvam os usuários do local onde se insere.

Dada as características do bairro Esplanada e a instigação da proposta para este estudo, a pesquisa se direcionou para uma abordagem experiencial, utilizando instrumentos de pesquisa de campo da arquitetura e do urbanismo de caráter mais qualitativos do ambiente construído. Assim, o diagnóstico e contato com a comunidade mostraram-se fundamentais para direcionar as atividades futuras no bairro bem como a postura a ser adotada. O maior desafio do projeto utilizando técnicas e método do *Placemaking*, sob a ótica dessa experiência, mostrou-se ser o engajamento e ativação dos moradores, o que já era esperado devido à falta de identidade e sentimento de pertencimento com a praça. Buscou-se demonstrar todos os relatos dessa experiência, inclusive as abordagens que não funcionaram e a previsão de ações futuras, como forma registro e possibilitar a partir das diretrizes projetuais seus desdobramentos.

Os resultados dos instrumentos aplicados sobre a área de intervenção, a praça, demonstram que essa está carente de infraestrutura básica – manutenção, iluminação, lixeiras - e que seus usuários estão cientes disso, e tem o anseio de um espaço que atenda a todos da comunidade, mais seguro e confortável. Somando essas necessidades

com o aporte teórico e técnico construídos neste trabalho espera-se na próxima etapa atender a expectativa para o projeto, tendo como diretrizes buscar alternativas para aumentar o número de mobiliário urbano; atenção para com o espaço destinado as crianças; o permanecer na praça; a criação de uma identidade; e atividades de ativação da comunidade afim de proporcionar um ambiente de maior qualidade.

Referências Bibliográficas

A BATATA PRECIS A DE VOCÊ. **Ocupe Largo da Batata**: como fazer ocupações regulares no espaço público. [2015]. Disponível em: < <http://largodabatata.com.br/wp-content/uploads/2015/07/publicacaoFINALagosto2015.pdf>> Acesso em abr. 2017

GEHL ARCHITECTS. **World Class Streets: Remaking New York City's Public Realm. 2008.** Disponível em: < https://issuu.com/gehlarchitects/docs/issuu_561_new_york_world_class_stre>. Acesso em abr. 2017

GEHL, Jan. **Cidade para Pessoas**. Tradução Anita Di Marco, 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GEHL, Jan. **In Search of the Human Scale**. Em palestra para o canal TEDx Talks. Copenhagen, 2015. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=Cgw9oHDfJ4k>> Acesso em mar. 2017

GEHL, Jan, SVARRE, Birgitte. **How to Study Public Life**. Washington: Island Press, 2013.

GEHL MAKE CITIES FOR PEOPLE. **New York / Times Square: unrolling a welcome mat for the people of New York**. 2007-2009. Disponível em:< <http://gehlpeople.com/cases/new-york-usa/>> Acesso em abr. 2017

CONEXÃO CULTURAL. **Mutirão Urbano – Escadão Jardim Helian**. 2016. Disponível em: <<http://www.conexaocultural.org/mutirao-urbano-revitalizacao-escadao-jardin-helian/>>. Acesso em mai. 2017.

CONEXÃO CULTURAL. **Mutirão Urbano – Escadão Jardim Helian**. 2016. Disponível em: < <http://www.conexaocultural.org/oficina-placemaking-jardim-helian/>>. Acesso em mai. 2017.

CONEXÃO CULTURAL E BELA RUA. **Guia Placemaking Cajamar**. [2016]. Disponível em: <http://www.conexaocultural.org/wp-content/uploads/2017/01/Guia-Placemaking_tela.pdf> Acesso em abr. 2017

DIODATI, Monica. **Bringing the Architect to the People: A Talk with Fine Young Urbanists**. Publicado em dezembro de 2015. Disponível em:< <https://citiesintransition.eu/cityreport/taking-back-the-street>> Acesso em abr. 2017

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Dados do Censo demográfico de 2010**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em abr. 2017.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LAMAS, José M. Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 4ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2007.

LIMA, Bruna Bastos. **Comparação entre a qualidade ambiental de dois bairros de Juiz de Fora**. 2016.124 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais.

LYDON, Mike. **Urbanismo Tático 2: ação a curto-prazo, mudança a longo-prazo**. Tradução João Seixas, José Carlos Mota, Mário Alves e Paulo Silva. Street Plans, 2012. Disponível em: <https://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/tactical_urbanism_vol._2-portuguese> Acesso em abr. 2017

PARK (ING) DAY DALLAS. **About PARK (ing) Day Dallas**. Disponível em: <<https://www.parkingdaydallas.org/about-parking-day-dallas/>>. Acesso em abr. 2017

PLACEMAKING BRASIL. **O que é Placemaking?** 2015. Disponível em: <<http://www.placemaking.org.br/home/o-que-e-placemaking/>>. Acesso em mar. 2017

PROJECT FOR PUBLIC SPACES. **The Place Game: How We Make the Community the Expert** 2016. Disponível em: < <https://www.pps.org/blog/place-game-community/>>. Acesso em abr. 2017

PROJECT FOR PUBLIC SPACES. **What is placemaking?** 2009. Disponível em: < http://www.pps.org/reference/what_is_placemaking/>. Acesso em mar. 2017

RHEINGANTZ, P. A. et al. **Observando a qualidade do lugar**. Procedimentos para a Avaliação Pós-Ocupação. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 117p., 2009.

STEFFENS, Kurt; VERGARA, Javier. **Urbanismo Tático 3: Casos Latinoamericanos**. Cidade Emergente e Street Plans, 2013. Disponível em: < https://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/ut_vol3_2013_0528_17>. Acesso em abr. 2017

TAVARES, Silvia. **Placemaking, urbanismo e o futuro dos espaços públicos**. Disponível em: <<http://www.placemaking.org.br/home/placemaking-urbanismo-e-o-futuro-dos-espacos-publicos/>> Acesso em mar. 2017

Anexos

Anexo A

<p>TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC 1 Aluna: Ashiley Adelaide Rosa Orientador: Prof. Dr. Klaus Chaves Alberto FAU/UFJF</p>	 <p>Arquitetura e Urbanismo</p>	 <p>ufjf UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA</p>
PREENCHA ESSES DADOS ANTES DE INICIAR A ATIVIDADE		
<p><input type="checkbox"/> Homem <input type="checkbox"/> Mulher Idade: _____ Qual é a sua relação com a praça? <input type="checkbox"/> Brincar <input type="checkbox"/> Estar <input type="checkbox"/> Esperar ônibus/van <input type="checkbox"/> Passagem <input type="checkbox"/> Outros: _____</p>		
ATIVIDADE 01. SELEÇÃO VISUAL - ESPAÇOS PÚBLICOS		
<p>Observe as fotos abaixo, que representam vários tipos de espaços públicos. Depois, anote quais suas impressões de cada uma delas. Não é preciso que você indique a sua imagem preferida.</p>		
	<p>Os três melhores aspectos:</p> <hr/> <hr/> <hr/>	<p>Os três piores aspectos:</p> <hr/> <hr/> <hr/>
	<p>Os três melhores aspectos:</p> <hr/> <hr/> <hr/>	<p>Os três piores aspectos:</p> <hr/> <hr/> <hr/>
	<p>Os três melhores aspectos:</p> <hr/> <hr/> <hr/>	<p>Os três piores aspectos:</p> <hr/> <hr/> <hr/>
	<p>Os três melhores aspectos:</p> <hr/> <hr/> <hr/>	<p>Os três piores aspectos:</p> <hr/> <hr/> <hr/>

ATIVIDADE 02. POEMA DOS DESEJOS

Utilize o espaço abaixo para responder de forma livre, através de sentenças escritas ou desenhos, completando a frase a seguir.

Gostaria que a praça...